

PROUST MAGAZINE

LITERATURA • MEMÓRIA • REFLEXÃO



Vol. 1, No. 4 (out/2026)

RESGATANDO TEMPO, CONSTRUINDO LEGADO.

CONTOS, POEMAS E MEMÓRIAS SELECIONADOS DO PÚBLICO.

PROUST EDITORA

Expediente

© 2026 Proust Editora Ltda. Todos os direitos reservados no Brasil e no exterior pela editora e pelos respectivos autores.

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

PROUST MAGAZINE

Vol. 1. No. 4 (out/2026)

Canoas – RS, Brasil

ISSN 3086-6618 — edição impressa · Periodicidade: Mensal

DIREÇÃO EDITORIAL

Editor-Chefe: Youssef Bouguerra

CONSELHO EDITORIAL

Myriam Abdelmoula · Sofia de Mello Pimentel Bouguerra

Dr. Farley Derze

CURADOR DE ESTUDOS LITERÁRIOS

Dr. Farley Derze

PRODUÇÃO, DESIGN E ARTES

Projeto Gráfico e Diagramação: Youssef Bouguerra

Revisão de Texto: Youssef Bouguerra e Autores

Artes Visuais (Capa e Miolo): desenvolvidas com o auxílio de inteligência artificial.

APOIO

A Proust Magazine agradece a Diego P. Santos e a Maria Rosello, apoiadores mensais do projeto, por contribuírem para a continuidade de uma revista literária independente. O apoio financeiro recebido não interfere na linha editorial, na seleção ou na publicação dos textos.

DADOS DESTA EDIÇÃO

Editora: Proust Editora · Canoas, RS, 2026

Extensão: 103 páginas

Assuntos: Literatura; Contos; Poesia; Memórias

Responsável Editorial: Bouguerra, Youssef

Classificação temática: CDD 869.05 · CDU 821.134.3(81)(05)

CONTATO

www.proustmagazine.org · editor@proustmagazine.org

Instagram: [@proust.editora](https://www.instagram.com/proust.editora)

Para apoiar a Proust Magazine, acesse nosso site.

Editorial

Esta quarta edição da Proust Magazine chega aos leitores com uma nova roupagem. Mudam o desenho das páginas e a maneira como textos e imagens respiram. Se a revista mudou por fora, é porque também vem crescendo por dentro — e boa parte desse crescimento acontece ao redor dela.

Nas últimas semanas, o Salão Literário tornou-se um lugar em que uma pergunta raramente termina onde começou. Um objeto cotidiano foi convidado a recordar o que alguém havia esquecido; dessa provocação nasceram poemas, leituras atentas e comentários de oficina. A dúvida sobre quando um texto está pronto abriu uma conversa sobre revisão, intenção e liberdade. Formas poéticas pouco habituais converteram-se em desafios coletivos, produzindo tentativas, versões e descobertas.

As conversas também passaram pela memória, pelo luto e pela ausência; pela escrita à mão e na tela; pelo verso livre e pelas formas herdadas. Uma observação sobre o absurdo

virou poema e alimentou uma escolha editorial. Houve ainda quem encontrasse no grupo o impulso para transformar um conto antigo em projeto de romance.

Nada disso foi planejado. Aconteceu porque alguém lançou uma pergunta, outra pessoa respondeu com uma lembrança e uma terceira aproximou um livro, uma música ou uma ideia. A conversa encontrou um caminho que ninguém poderia prever sozinho.

A Proust Magazine publica textos, mas também deseja criar condições para que eles continuem vivendo: sendo lidos, interrogados e devolvidos aos autores sob uma luz inesperada. Talvez uma revista literária não seja apenas o objeto que chega às mãos do leitor, mas a comunidade que se forma quando a página deixa de ser ponto final e se torna começo.

O Salão permanece aberto a quem escreve, lê, pergunta ou prefere acompanhar em silêncio:

<https://tinyurl.com/5ssexrak>

Fragmentos

Editorial.....	2	Lamento de um homem trágico.....	46
Decidido	6	Farlley Derze	
Acácio Barros		Constelações de inverno.....	50
Gravidade	7	Francisco Cruz Dias	
Acácio Barros		Porque eu sinto	52
O último encontro	9	Geraldo M. Pereira	
Agnaldo Bastos Leitão		Minta para mim	56
Carta a mim mesmo	15	Harley Doakes	
Ana		Escolhi o presente	58
A mão direita torta	19	Jairo V Santiago	
Anna Luisa Mantovani		Mundos diversos	59
Operários do tempo	22	Jairo V Santiago	
Celuta Machado		Aparecido na vazante	61
Memórias cerzidas	23	Juliano Pfutzenreuter Nunes	
Celuta Machado		Vinho e rendas	64
As coisas que ficam.....	26	Lu Santos	
Débora Camila Brasil		O diário de Alice	67
Amargor	29	Lu Santos	
Edward Guilherme		Envelhecer em contornos	72
Umbra.....	30	Mariângela Borba	
Edward Guilherme		Terça.....	74
Como dormem as baleias?	32	Novaes Moreno	
Estela Reis		Memória.....	80
Pacto	37	Paulo Nascimento Guerra	
Fabio Riggì		Vou deixar de estar assim.....	84
Divórcio artificial	40	Paulo Nascimento Guerra	
Farlley Derze		A proporção áurea	
Absurdo. Ou não.....	43	da falha (sestina).....	88
Farlley Derze		Paulo Renato de Faria	
Fatos extintos.....	45		
Farlley Derze			

Manual para não gostar de ninguém	90
Paulo Renato de Faria	
À espera de um sinal	93
Sheila Regina Sarra	
Estranho	96
Stegues	

Esfinge	98
Stegues	
Pedro, o pedreiro	99
Stegues	
Anderson: um retrato de IA	102
Youssef Bouguerra	



Acácio Barros



Acácio Barros é filósofo e físico. Escreve poesia em português e inglês. Vive na Califórnia.

Decidido

Copio e colo a nova versão,
numerada e datada.
Começo a revisão.

O copo
senta na mesa, a metade de baixo
suada. Leio a página.
Está clara, como a água com gás?
Borbulha? Procuro
palavras. Rimas. Ritmo. Mudo
a ordem e tento outro
encadeamento, no lugar errado.
O poema entorta, vinca.
Intransigente.

O copo ainda está meio cheio;
a água choca
e morna.

Conserto
amanhã.

Gravidade

A mulher à minha frente se veste
com o perfume de uma ex-amante.
Memórias sobem. Seu cheiro,
seu corpo movendo
com o meu, nosso tango
sambado. Passo na roleta e sento.
Sinto um solavanco. O ônibus
para. Pela janela, o eixo traseiro
ricocheteia e desce a ladeira,
em saltos, até aterrar na calçada,
em pé, duas rodas no chão e duas no ar,
em frente a uma mulher.
Do eixo, um tubo de óleo aponta
em sua direção.
Uma última dança?



Agnaldo Bastos Leitão

Agnaldo Bastos Leitão é natural da cidade do Rio de Janeiro. É professor do Colégio Estadual Álvaro Negromonte. É formado em Letras (Português-Literaturas) e pós-graduado em Literatura Brasileira pela UERJ e em Literatura e Linguística pela FACUMINAS. Para ele, escrever é vida.



O último encontro

Naquele começo de tarde quase fria, Guiomar resolveu ir à cidade. Precisava das velhas lembranças do passado. Olhou-se mais uma vez no espelho e achou que estava bem. Estava triste, mas com boa aparência. Não sofria mais pela morte do marido, ocorrida dois meses antes. Fora casada por trinta e cinco anos e, desde que o conheceu, sempre sentira por ele uma grande ternura.

Terminou de retocar o batom e saiu do quarto. Na sala, foi até o aparador e retirou um molho de chaves de dentro de um cinzeiro redondo de cristal. Acostumara-se a deixar as chaves ali por comodidade. Saiu à varanda e fechou a porta da sala. Caminhou por um corredor largo, margeado de belíssimos canteiros, e chegou ao portão. Colocou a chave na fechadura e a girou. Não saiu logo, permanecendo ali com uma das mãos na grade e a outra na chave. Parecia pensar. Depois de alguns segundos, saiu e girou a chave novamente, no sentido contrário, fechando o portão.

Chegou à esquina e logo apareceu um táxi. Fez sinal e o pegou. Pediu ao

motorista que seguisse para o centro da cidade.

— A senhora vai ficar na Presidente Vargas? — perguntou o taxista.

— Não, não. Vou para a Senhor dos Passos.

O carro deu a partida. Guiomar sabia que a partir daquele momento não podia mais recuar. Estava indo ao encontro de um pedaço que faltava em sua história. No início da rua Senhor dos Passos, o táxi parou, Guiomar pagou a corrida e desceu. Gostava da cidade, de caminhar por suas ruas históricas. Muita coisa havia se modificado, mas ainda era o velho centro da cidade dos tempos em que ia para fazer o enxoval do seu casamento ou passear com as amigas do colégio normal e lanchar na Confeitaria Colombo.

Aproveitou para olhar algumas vitrines, pois queria fazer hora. Precisava criar coragem. Quando se aproximou da rua da Assembleia, parou e ficou por alguns segundos olhando toda a sua extensão. Respirou fundo, passou os dedos pelos cabelos e começou a caminhada. Agora,

muitas lembranças a acompanhavam. Lembranças de um jovem bonito e tímido.

Ela estava com um vestido godê, de cetim brocado azul claro e, por cima dos ombros, um bolerinho, sapatos e bolsa de couro pretos. Ele vestia uma camisa azul de manga comprida e calça cinza. Os sapatos pretos, muito bem engraxados. A brilhantina nos cabelos dava-lhe um aspecto de limpeza e a barba estava bem feita. Parecia que havia saído do banho naquele momento. Não conseguia deixar de olhá-lo, embora tentasse disfarçar, e ele também não tirava os olhos dela, até que a prima que a acompanhava percebeu.

— Guiomar, o que você está fazendo, flertando dessa maneira?

Guiomar desviou seu olhar do rapaz e continuou escolhendo o dormitório como se nada tivesse acontecido. Mas aquilo era mais forte que Guiomar e novamente a prima a repreendeu.

— Vamos olhar aqueles outros móveis... — disse Guiomar, pegando a prima pelo braço, levando-a para o outro lado da loja.

Cansada de tanto andar, decidiu que compraria seu dormitório naquela loja, mas não o escolheu

naquele dia. Pediu que lhe fizessem o orçamento. Voltaria outro dia para fechar a compra. Não viram mais o rapaz quando saíram.

Dois dias depois, após ter conversado com o noivo, Guiomar voltou à loja. Escolhera um dormitório de pé palito, que era a última moda. Não avistara o rapaz durante o tempo que lá permanecera. Quando já estava de saída, no entanto, após ter feito a compra à vista, o rapaz subia os degraus da loja. Estava tão impecável quanto na primeira vez em que o vira. Um desejo diferente fazia suas mãos tremerem. Guiomar jamais tivera essa sensação com o noivo. Ele caminhou para o final da loja, onde Guiomar estava, e olharam-se rapidamente. O tio, do balcão, ordenou:

— Álvaro, por favor, encaminhe a senhorita até a porta.

— Sim, senhor...

Guiomar lhe sorriu sem graça. Álvaro também não ficou à vontade e a fez passar diante de si, indicando com um gesto a saída. Diante dos degraus, ela virou-se para agradecer-lhe, quando seus olhos se encontraram. Tudo à sua volta parecia sumir. O chão não existia mais.

Ainda com as lembranças daquele dia, que jamais esquecera, Guiomar

se viu diante da loja. Parou e observou a fachada, que sofrera poucas modificações durante todos aqueles anos. Subiu os três degraus e, dentro da loja, firmou as vistas para tentar reconhecer quem estava diante do mesmo balcão, no fundo da loja, de trinta e cinco anos atrás. O coração batia um pouco mais acelerado que o normal. Não podia acreditar no que via. Não poderia ser possível.

O rapaz, no fundo da loja, percebeu a presença daquela senhora e, ao notar que algo estava errado, foi imediatamente em sua direção.

— Boa tarde, senhora... Está se sentindo mal?

Guiomar apenas o olhou. Eram os mesmos olhos vibrantes e doces.

— Senhora! — O rapaz a olhava de forma terna à espera de uma resposta.

— Álvaro...?

— Eu pareço realmente com meu pai. Muitos me confundem com ele — Álvaro sorriu e completou: — A senhora não quer se sentar?

Depois de acomodá-la em uma cadeira, Álvaro foi em direção ao bebedouro e encheu de água um copo plástico que retirou de um porta-copos cilíndrico e levou-o para Guiomar.

— A senhora conheceu meu pai?

— Sim... Meus móveis de casamento... eu os comprei aqui.

Guiomar parou de falar e parecia ter voltado ao passado. Diante de seus olhos, o mesmo rosto, os mesmos cabelos, o mesmo sorriso.

— Há muito tempo?

— Há trinta e cinco anos...

O rapaz permaneceu parado, observando aquela mulher que lhe parecia, de alguma forma, familiar. Não entendia o que se passava, mas como num relâmpago, a figura do pai apareceu em sua mente, trazendo-lhe lembranças de cartas, poemas e confissões.

Guiomar percebeu que o rosto do rapaz tornou-se pálido.

— A senhora se chama... Guiomar?

Ela assentiu com a cabeça.

— Meu pai jamais a esqueceu.

Guiomar baixou os olhos, e um rubor mostrou o quanto estava envergonhada com aquela revelação, que era a confirmação do que ninguém jamais soube. E, voltando a olhá-lo, Guiomar disse:

— Eu também nunca o esqueci... e durante todos esses anos não houve um único dia, um somente, que eu não pensasse nele...

— Ele escreveu muitas cartas pra senhora... — falou Álvaro, enquanto a palidez dava lugar a um rosto mais corado.

— Mas eu nunca recebi nada...

— Eu sei, eu sei. Essas correspondências estão comigo. Ele jamais as enviou, apenas as escrevia. Depois que ele faleceu...

Guiomar sentiu ser invadida por uma tristeza morna. Talvez já esperasse que isso tivesse acontecido. Talvez soubesse, lá no fundo, que não tornaria a vê-lo como o vira pela primeira e última vez. Voltou seu olhar para a entrada da loja. O passado se tornava presente em sua memória outra vez.

— Quando ele faleceu? — perguntou depois de alguns longos minutos, tendo os olhos ainda na entrada da loja.

— Há seis meses.

— Eu... posso ver as cartas...?

— Claro. Afinal, elas são suas, e meu pai me recomendou que eu as enviasse para a senhora neste endereço.

Álvaro abriu uma agenda que estava sobre a escrivaninha e mostrou-a.

— Mas, quando fui até sua casa para entregá-las, a senhora não morava mais neste endereço. Então

decidi guardá-las e esperar. Este foi seu último pedido...

O jovem, que também se chamava Álvaro, deixou a agenda sobre a mesa e abriu uma gaveta, da qual retirou um maço de cartas amarradas com um barbante de ráfia, e as entregou a Guiomar. Com as mãos trêmulas e o coração acelerado num ritmo descompassado, Guiomar pegou-as e olhou-as rapidamente. Alguns envelopes estavam amarelecidos e pareciam gastos, como se tivessem sido manuseados muitas vezes. Abriu a bolsa e colocou-as dentro, fechando-a rapidamente. Levantou-se e, pedindo desculpas, despediu-se.

Guiomar jamais imaginou que Álvaro lhe tivesse escrito cartas e poemas, e que também a amara por todos aqueles anos. Caminhava sem saber aonde realmente iria. O quase frio da tarde estava dando lugar a uma temperatura mais agradável, agora que a noite se aproximava.

Chegou à rua Gonçalves Dias e avistou a Confeitaria Colombo. Entrou. Precisava beber algo, estava com a boca seca. Depois de instalar-se em uma mesa ao fundo, pediu um chá de maçã e alguns biscoitos amanteigados.

Abriu a bolsa e retirou as cartas. O coração estava aos pulos. Parecia que iria sufocá-la. Desamarrou o laço do barbante e começou a “folhear” os envelopes. Retirou um que lhe chamou a atenção. Embora fosse um envelope comum e retangular, nele estava escrito: “Para minha amada de toda a vida”. Abriu o envelope, que estava lacrado, e retirou a carta. Leu-a e não percebeu quando seus olhos se encheram d’água e a respiração tornou-se difícil.

O garçom, naquele momento, trazia o pedido e, vendo-a naquele estado, perguntou, tentando não ser indiscreto:

— Senhora, desculpe, mas... há algum problema?

— Não... — respondeu Guiomar, passando o lenço sobre os olhos.

— Pois não. A senhora quer mais alguma coisa?

— Obrigada... Só isso.

Guiomar dobrou a carta sobre a mesa depois que o garçom se retirou e bebeu um pouco do chá. Precisava pôr as ideias e os sentimentos em ordem. Todas aquelas lembranças e descobertas estavam sendo demais para ela.

O garçom, que passou a observá-la de longe, enquanto servia um

cliente e outro, viu quando Guiomar depôs a xícara de chá sobre a mesa e retirou outro envelope do chumaço e, de dentro deste, uma carta, que desdobrou de forma cuidadosa, mas tão rápido que parecia uma cena de cinema mudo. Os olhos de Guiomar eram de uma emoção que seria visível àqueles que, como o garçom, tivessem a sensibilidade de perceber que, para aquela senhora de meia-idade, ainda encantadora, os sentimentos eram eternos. Eternos como o tempo.

Guiomar terminava de ler um poema que lhe fora dedicado por um homem que, mesmo sem saber, a fez perceber a diferença entre a paixão, que caminha junto com o amor, e a ternura, que acompanha a amizade, e lia, agora, essas últimas palavras, que se seguiam ao poema:

“Jamais me esqueci daquele beijo e ainda sinto seu gosto em meus lábios. Era primavera e as flores davam cor à vida. Eu era muito tímido e tu estavas muito pálida sobre os degraus da loja. Estou morrendo e te levarei em meu coração, pois sempre estive nele, desde o primeiro dia em que te vi. E como estavas linda!”



Ana

Ana é estudante de Física, apaixonada por sua área e pela literatura. Nas horas vagas, arrisca-se na escrita.



Carta a mim mesmo

Nos últimos dias, tenho evitado o espelho do banheiro. E também os espelhos do hortifruti do mercado. E o retrovisor do meu carro. E a janela polida daquela loja da esquina em frente à qual sempre passo. Parando para pensar, o caminho que passa por aquela loja é mais comprido do que o atalho que eu poderia pegar. Mas eu sempre passo em frente a ela. Acho que, de alguma forma, me conforta vê-la ainda ali todo santo dia.

Enfim.

Ah, os espelhos. Bom, o problema não são bem os espelhos. Até uma colher limpa me incomodaria. Ou uma poça d'água. Ou a lente de uns óculos. É o reflexo. Especificamente o meu, no caso.

E não é como se algo da minha aparência me incomodasse. Não me importo com isso há pelo menos uma década. Não sou de gastar tempo com isso. Não é uma imperfeição na pele ou uma falha no cabelo. É o reflexo em si. É a minha imagem. Um dia aí atrás, antes dessa situação piorar, gastei uma hora em frente ao espelho. Tentei procurar o que me incomodava tanto. De alguma forma

estúpida, meu coração acelerava mais e mais, e a minha ansiedade disparava a cada segundo que eu continuava me encarando. Até que, por impulso, virei o rosto e não olhei mais, até agora.

Começou assim, com a minha imagem.

Tudo bem, então. É só ignorar os reflexos. É fácil. Eu posso viver assim. Mas aí as poucas fotos antigas que eu tinha também começaram a me incomodar. Nem fotos expostas eu tenho, e não tiro uma nova há pelo menos três anos, mas eu sabia onde elas estavam, e a existência delas começou a me enlouquecer. É como se elas me chamassem. E conseguiram.

Primeiro eu só peguei o álbum e joguei em cima do armário. Mas ainda me chamavam. E eu ouvia. Então o levei para a casa da minha mãe e pedi para que ela guardasse. Ou escondesse. Qualquer coisa. Mas, quando fui dormir, as malditas vozes das fotos, ou de quem estava nas fotos, me chamavam. Pedi de volta o álbum e fiz a única coisa em que consegui pensar. Queimei o álbum. Ao menos, as fotos não me chamam mais. Bom, se chamam, não escuto.

E por um dia, me senti livre. Até que, ao falar nada com nada, pensando alto, eu parei. De alguma forma, a minha voz fez meu coração pular. Eu não aguentava ouvir minha própria voz.

Mais uma vez, nunca me importei com a minha voz. O que tem na minha voz para me importar? Mas de uma hora para outra, ela se tornou nojenta e repulsiva. É estúpido, mas ouvi-la, até dentro da minha própria cabeça, me deixa em completo pânico. É, é por isso que estou escrevendo. Assim não preciso ouvir minha maldita voz. Ao menos fora da minha cabeça.

Até aqui eu ainda conseguia tolerar. Já era uma pessoa introspectiva e quieta mesmo, então tanto me fazia tudo isso. Poderia permanecer no meu canto e viver assim. Mas não consigo mais. De alguma forma, as coisas pioraram.

Estava pensando. Dentro da minha própria cabeça, claro, já que não suporto minha voz. Pensei em como pensava em português. E isso me incomodou profundamente. De uma hora para outra, eu queria esquecer completamente o português. Não importava qual língua eu falaria depois. Ou pensasse. Na verdade, nem queria

outra para substituir. Não queria me comunicar. Não queria mais saber português, não queria mais saber transmitir ideias para outras pessoas. Como se não bastasse tudo isso, hoje me incomodei porque tenho coisas azuis pela casa. Isso me incomodou porque sei que azul é minha cor favorita. Me incomodou porque gosto dessa cor e ela está espalhada pela casa toda. Essa foi a gota d'água.

Depois de pensar em queimar todas as coisas azuis e entrar em pânico porque pensei (não por ter pensado em queimar coisas, mas pelo simples fato de ter pensado), agarrei essa merda de caderno e me tranquei no quarto. E estou aqui escrevendo. Ignorei por tanto tempo, mas decidi escrever cada detalhe nesse caderno.

Eu já sei a resposta para tudo isso. Eu sempre soube. Achei que pudesse ignorar ou evitar o confronto. Mas não tem como.

Começou com o reflexo porque era o jeito mais fácil de lembrar que eu sou eu. Depois vieram as fotos, que são as provas de que eu sou eu. E a voz, que é parte de mim. E depois com o português, que é parte de quem sou. E depois com a ideia de me comunicar, que é a maneira como eu existo para os outros. E o azul, que

é o jeito que eu coloco um pedaço de mim em toda a casa.

Não tem jeito. Posso fugir de tudo em que haja reflexo. Todas as janelas e espelhos e colheres e lagos e rios e foda-se o que mais. Posso fugir da minha própria imagem. Posso viver sem falar nunca mais uma palavra, para não ter que ouvir um som mais meu. Posso desaprender português e ir viver em outro país, fingir ser uma pessoa nova, me desconectar de tudo que aprendi até agora como pessoa. Ou não. Posso também fugir para o mato e nunca mais falar com ninguém.

Eu posso fazer tudo isso e, ainda assim, não consigo fugir de mim. Não tem escapatória. Não importa o país, a língua, a cor favorita. Ainda estou lá.

Meu coração soca meu peito nesse instante. O que eu faço agora? Eu não posso fugir desse corpo.

PIOR.

Não posso fugir dessa consciência.

Não posso fugir do pecado de ser eu e de não poder não ser nada.



Anna Luisa Mantovani

Nascida no Rio de Janeiro, mudou-se para a Região dos Lagos aos nove anos. Aprendeu a ler aos cinco anos e nunca mais conseguiu parar; por isso, cursou Letras. Às vezes, surge uma sensação intensa em seu coração, e seu cérebro a obriga a escrever. Confessa, no entanto, que fica feliz quando isso acontece.



A mão direita torta

Eu estava há pelo menos dez minutos tentando atravessar a pista com um simples objetivo: alcançar o outro lado. Mesmo quando um carro de uma das faixas reduzia, o veículo da outra faixa acelerava. Ou pior: quando os veículos das duas faixas diminuía a velocidade, uma moto aparecia, do mais absoluto nada, esgueirando-se em alta velocidade, contornando os carros.

O que eu podia fazer? Estava ali, de pé. Do outro lado, onde eu queria chegar, havia um cachorro maltratado de olhos azuis. Olhava-me como se quisesse compreender minha alma. Até inclinava a cabeça para o lado enquanto me encarava...

E agora? O sinal não parecia funcionar? Será que fiz a escolha certa ao vir por esse caminho? Quando saio nesse horário, costumo ir pelo centro, não por aqui... Uma moto buzinou e reduziu... acelerou de novo. Será que ele me perdoou? Uma senhora com uma bolsa pesada parou ao lado do cachorro. Agora, os motoristas precisavam reduzir a velocidade e nos deixar atravessar a pista, certo?

Nada. A senhora olha em minha direção, e eu a olho.

O que eu vou fazer amanhã de manhã? Não sei. Estarei viva? A senhora continua me olhando. Parei de olhá-la. Estou pensando... Um carro buzina. Dou alguns passos e avanço até o meio de uma das faixas. Alguém precisa diminuir a velocidade do outro lado. Ninguém o fez. Retrocedo. Volto para onde estava. A senhora continua olhando para mim, enquanto gira a cabeça para os lados. Repreensão. Quando vou atravessar? Buzina de caminhão. Quero ir para casa. Quando é sexta? Tenho que lavar roupa. Uma bicicleta passa e o homem nela ri. Por quê?

Um carro diminui a velocidade. Cruzo a primeira faixa. Estou no meio. Olho para a senhora. Ela sorri, expectante, enquanto olha para mim. Espero. Nada. Ninguém reduz. A senhora fica séria. À tarde, tenho que fazer o exame. Esqueci de comprar a ração do gato de novo. Um ônibus diminui a velocidade. Posso ir. Uma moto vinha pela lateral. Ponto cego. Barulho. Buzina. Olho para a

senhora. É a última coisa que vejo.
Ela chora.



Celuta Machado



Celuta Machado é socióloga e semioticista e sempre foi tocada pelos desafios da linguagem. Atuou como editora de projetos científicos e pesquisadora qualitativa de mercado, escreveu e atuou no teatro e publicou ensaios e, mais recentemente, ficção. Entre seus autores prediletos estão Marcel Proust, W. G. Sebald e Virginia Woolf.

Operários do tempo

Calendários costumavam ficar sobre as mesas de trabalho. Sua presença era discreta, bem diferente da urgência imposta pelo tic-tac dos relógios. Sempre ali em seu canto, organizavam o passar do tempo sem alarde, cada mês ocupando uma página e cada dia desfrutando do seu quadradinho particular. Fins de semana e feriados mereciam um tratamento especial, como se a cor distinta anunciasse a alforria das obrigações.

Amistosos, calendários permitiam intervenções. Os dias que passavam em branco eram riscados com um X. Se algo de memorável acontecia ou estava por acontecer, era a vez do círculo, traçado e retraçado em vermelho. Dóceis por natureza, permitiam também comentários à margem sem maiores explicações.

Calendários funcionavam como mostruários do tempo, em que o passado, o presente e o futuro conviviam em harmonia, se misturavam, se isolavam e estavam sempre ao alcance da mão. Datas abrigadas na memória ou esculpidas nos sonhos aliviavam o passar dos dias. Sabíamos que o tempo era o seu senhor.

Algo aconteceu com o tempo. Os relógios já não fazem tic-tac, os calendários se foram e não voltarão. Agora, por toda a parte, o tempo flerta com o instante por pura distração: tornou-se inexoravelmente frígido e vazio, tendendo à repetição.

Memórias cerzidas

Revelação

Na via láctea da infância, a imaginação e o sonho se unem através de pequenos incidentes. O vaso de cristal da Boêmia espatifado no chão. Súbito brilho de um raio caído sem estrondo, quase em silêncio. Lágrimas reluzentes, dor e assombro. Quase uma epifania sobre o assoalho. A história da família esmigalhada era também uma libertação. Perdera-se o elo entre as gerações, perdera-se a continuidade. Precoce aprendizado da autonomia. Agora seríamos eu e a solidão.

Noturno

Milhares de olhos de lince brilham no escuro da minha mente em estreita vigilância. Um posto avançado no deserto de uma eterna noite africana. Não há trovões nem previsões de tempestade. A vida segue, árida. Tudo converge para uma sensação rude e áspera. Pura desesperança. Nem mesmo um sinal de fumaça emitido por um sobrevivente de uma tribo ancestral. Apenas um inverno. Apenas precipícios.

Turquesa e rosa

A tarde chega ao seu fim. Estou a quase 5.000 m de altitude. A voz de Billie Holiday me acompanha pela estrada estreita onde ninguém mais transita. Vez ou outra um braço de água margeia o caminho. Raramente avisto flamingos. Há uma laguna turquesa envolta por um colar de sal. O paraíso não pode estar longe. Vulcões delimitam a fronteira desse mundo em que a dor e a felicidade são o nosso estado natural.

Às avessas

O mar esvaziado da sua fúria diurna lançava uma renda de espuma na areia densa. A areia faiscava reproduzindo na escuridão da noite o brilho das estrelas, como se naquele momento o mundo estivesse de ponta-cabeça e nossos pés tocassem o céu. O infinito estava ali, sob a sola dos sapatos.

Caleidoscópio interior

O silêncio é um refúgio que muda de lugar o tempo todo. Cada vez que sigo o seu rumo é como se chegasse a um país estrangeiro. Nunca sabemos

ao certo o que nos espera. O silêncio é caleidoscópico. Às vezes eu o encontro no fundo do coração, bem ali onde se acumula tudo o que deu errado: dias aflitos, amores mirrados à sombra da desesperança, pequenos ferimentos incuráveis e remédios amargos.

Percorro o silêncio e reconheço no meu peito o deserto de sal, alvo e sem fim. Mesmo cicatrizadas, as feridas ardem. Confiro uma a uma, estão todas ali.

Despedida de mim

Fotos esmaecidas, granuladas pelo tempo. Lugares vagamente reconhecíveis, telhados argênteos, uma torre ao longe. O tempo guarda em silêncio o registro da paixão do primeiro encontro. A primeira vez que vi Paris. É com pesar que dou adeus a 18 Rue Cujas. Endereços são mais que moradas temporárias, são destinos cumpridos, que se foram sem deixar vestígios. Tudo o que nos acontece de mais íntimo é irrepetível, como um meteoro que vem do alto e nos atinge. Não adianta tentar deter o seu curso, seu desaparecimento é certo e veloz. A saída é abandonar a

terra devastada e, como um nômade, renascer em nossa absoluta solidão.



Débora Camila Brasil



Débora Camila Brasil nasceu em Belém (PA) e cresceu em Brasília (DF). Servidora pública federal, escritora e taróloga, integra coletivos literários e revistas digitais. Em 2026, participa de mais de 150 antologias, com lançamentos na FLIP e na Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

As coisas que ficam

Naquela manhã, ela regou uma planta que não era sua.

O vaso ficava no corredor do prédio, entre o elevador e a porta do apartamento 304. Ninguém sabia quem o havia colocado ali. Talvez a antiga moradora. Talvez o síndico. Talvez ninguém soubesse mais.

A planta estava quase seca.

Ela também.

Parou diante das folhas curvadas e pensou que certas coisas não morrem de uma vez. Vão desistindo pelas extremidades.

Entrou em casa, encheu um copo e voltou. Derramou a água devagar.

Foi tudo.

Nenhuma revelação. Nenhuma vontade súbita de abraçar o mundo. O céu não se abriu. Os pássaros não cantaram para ela. Continuava cansada de existir naquela terça-feira.

No dia seguinte, quando saiu para trabalhar, olhou o vaso. A terra ainda estava úmida.

Na quinta-feira, apareceu uma folha minúscula. Verde. Tão absurdamente verde que ela se agachou para olhar de perto.

Tocou a ponta com o dedo. Pensou em quantas coisas aconteciam sem pedir sua opinião: o cabelo crescendo, o pão endurecendo sobre a mesa, a vizinha arrastando móveis às onze da noite, as contas vencendo, o sol entrando pela fresta da cortina.

E aquela folha. Principalmente aquela folha.

Começou a deixar água no vaso todas as manhãs. Não porque tivesse descoberto algum sentido. Às vezes, o sentido é uma palavra grande demais para uma terça-feira.

Fazia porque a planta parecia esperar.

Semanas depois, alguém deixou outro vaso ao lado. Depois, outro.

Nunca descobriu quem.

Em setembro, o corredor estava cheio de pequenas folhas.

Havia manhãs em que ela passava por elas sem sentir nada. Outras em que reparava numa flor que não estava ali na véspera. E houve uma manhã em que percebeu: também ela não estava exatamente onde estivera na véspera.

Era quase nada.

Um centímetro invisível.

Ela entrou no elevador e, antes que a porta fechasse, viu os vasos enfileirados pelo corredor.

À noite, precisava lembrar de comprar um regador.



Edward Guilherme

Edward Guilherme nasceu em 2004, em Presidente Prudente (SP). É escritor, graduando em Filosofia e idealizador da Blumark Creations, associação sociocultural em desenvolvimento.



Amargor

Acordo exaurido, amargor na saliva
Coração palpitante, âmagor atormentado
Puxei seu cabelo à deriva
Trouxe para perto a mão com o vento incrustado

Blasfemei, segurei a cama, tentei levantar
Me arrependi, soltei o colchão, me pus a chorar
Suspirei, soluçando sem fôlego até vomitar
Respirei, encarei o teto, sentindo o frio dilacerar

Prendi o ar até o verme em mim sucumbir
Tentou sair e desistiu, aceitando seu fim
Abri os olhos e a boca e o arranquei de mim

Coloquei-o na escrivaninha, o observei subir
Pela janela à procura do sol, o fez eclodir
Pedi perdão ao Invisível; dispus-me, outro dia, a sorrir

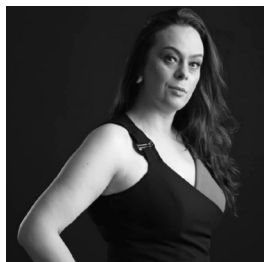
Umbra

Escutei os grilos entoando a eterna sinfonia
Os anfíbios harmonizando em coro celestial
Lembrei-me de sua presença numinosa à minha frente
Do outro lado da rua, segurando a lâmina sepulcral

Meu peito acelerado com seu meigo parecer
Sua face invisível no silêncio abissal
Um sabor de liberdade adocicou minha língua
A brisa fria e seu calor aniquilaram em mim o mal.



Estela Reis



Estela Reis une a paixão pelos livros à prática da escrita. Natural do Paraná, concentra seu trabalho na construção de imagens que atravessam o tempo e a sensibilidade.

Como dormem as baleias?¹

Dizem que sou forte.

Nunca sei exatamente o que responder. A palavra chega sempre como um elogio, mas traz consigo uma espécie de condenação silenciosa. Quem é forte parece perder o direito ao colo, ao medo, à hesitação. As pessoas depositam em nós um peso curioso: passam a acreditar que suportaremos tudo porque suportamos muito.

Aprendi cedo que algumas expectativas se instalam sem pedir licença. Quando alguém da família adoece, meu telefone toca primeiro. Quando há um documento para resolver, uma decisão difícil a tomar ou uma tristeza que precisa ser organizada, todos olham para mim como quem procura uma parede onde se encostar. Talvez eu mesma tenha alimentado essa imagem. Há muito tempo deixei de dizer “não sei”. O tremor nas mãos aprendi a esconder depois.

Existe uma fotografia antiga guardada entre as páginas de um livro. Não mostra nada extraordinário: um quintal, um pedaço de varanda, meu

pai de lado sorrindo para alguém que ficou fora do enquadramento. Sempre me detenho nas costas dele. É curioso como a memória escolhe seus monumentos. Há quem se recorde de uma voz, de um perfume, de um abraço. Eu me lembro de suas costas.

Durante muito tempo achei que sentia falta dele. Hoje penso que sentia falta de um lugar.

Foi Gaston Bachelard quem me fez desconfiar disso. Ao ler que a casa é nosso primeiro universo, fechei o livro com uma estranha sensação de concordância. Passei horas olhando pela janela compreendendo o motivo. Minha primeira casa não tinha paredes. Respirava devagar depois do almoço, tinha trinta e sete anos e se virava de costas antes de adormecer.

A lembrança sempre começa do mesmo jeito. Domingo tinha cheiro de comida recém-feita. O rádio permanecia ligado na cozinha, baixo o suficiente para que as vozes se confundissem com o barulho da água correndo na pia. A casa inteira

1 Este texto também foi selecionado para os Cadernos Proust. (N. do E.)

parecia desacelerar depois do almoço, como se também tivesse direito ao descanso.

Meu pai nunca anunciava que iria dormir. Apenas se levantava da mesa, afrouxava discretamente o cinto, tirava o relógio do pulso e o deixava sobre a cômoda. Eu conhecia aquele ritual tão bem quanto conhecia o caminho até o seu quarto. Esperava alguns segundos para não parecer que o seguia. O sono não era o que eu procurava. Era ele.

Deitava-se sempre do mesmo lado da cama. Primeiro ficava de barriga para cima, respirando profundamente, como quem ainda conversava em silêncio com a tarde que iniciava. Depois, quase sempre do mesmo jeito, virava-se de costas. Era esse o instante que eu esperava.

Eu me acomodava atrás dele, pequena o suficiente para desaparecer naquele espaço entre suas costas e a beirada da cama. O colchão afundava um pouco, e eu precisava me ajeitar outra vez. Gostava daquele pequeno movimento, como se a cama também soubesse que eu havia chegado.

Ficava olhando suas costas por um tempo enorme. Contava as pintinhas. Nunca descobri quantas eram de verdade. Eu sempre me distraía

antes do fim. Começava outra vez. Às vezes inventava desenhos unindo uma à outra, como quem cria constelações onde ninguém mais consegue enxergar estrelas. Havia uma perto do ombro esquerdo que eu sempre escolhia como ponto de partida. Eu o observava dormir e isso bastava.

Anos depois, li o relato de mergulhadores que descreviam a estranha paz de nadar ao lado de baleias. Diziam que, diante daqueles gigantes, o medo cedia lugar ao assombro. A imensidão deixava de ameaçar e passava a proteger.

Naquele instante compreendi por que aquela imagem me comovia tanto. Meu pai era a minha baleia. Há um tipo de carinho que não toca. Apenas permanece ali, respirando. Foi assim que aprendi, antes mesmo de conhecer a palavra amor, que a proteção também podia ter o formato das costas de um homem adormecido.

Na infância, a gente mede o mundo por proporções muito diferentes das dos adultos. Aquelas costas me pareciam infinitas. Eram um paredão, uma montanha, um continente inteiro.

Então, num domingo que nunca existiu, a muralha desapareceu. Meu

pai morreu quando eu tinha doze anos. Um acidente de carro fez ruir, em poucos segundos, aquilo que eu julgava eterno. Descobri cedo que até as montanhas caem.

Mas a verdadeira ausência não começou no enterro, mas no domingo seguinte. A casa tinha o mesmo cheiro de comida. Minha mãe preparou o almoço porque era preciso continuar vivendo. Os pratos ocuparam seus lugares de sempre. A luz atravessava a janela na mesma inclinação. Até o rádio permaneceu ligado, como se insistisse em convencer o tempo de que nada havia mudado.

Durante muito tempo evitei aquele cômodo nas tardes de domingo. Parecia impossível aceitar que um quarto pudesse continuar existindo depois que seu centro desaparece. Foi nesse silêncio que cresci.

Passei muitos anos acreditando que sobreviver era aprender a não precisar de ninguém. Construí minhas próprias paredes. Tornei-me a mulher que todos chamam de forte. Aprendi a decidir, a suportar, a proteger. Mas força e carinho nunca foram a mesma coisa.

Recentemente, descobri outra curiosidade sobre as baleias. Elas nunca se entregam inteiramente ao sono. Enquanto metade delas descansa, a outra permanece desperta para que continuem respirando.² Foi impossível não pensar em meu pai.

Talvez o carinho seja isso. Não o abraço, nem a palavra, nem o gesto grandioso. Talvez carinho seja alguém descansar porque acredita que o mundo está seguro o bastante para fechar os olhos. E alguém, ao seu lado, aprender que também pode descansar.

Hoje entendo que o que eu buscava naquelas tardes de domingo não era apenas ele, e sim sua confiança. Enquanto ele dormia, eu aprendia, sem saber, que o amor não precisava fazer barulho. Bastava existir.

As costas de um pai não abraçam. Não afagam. Não dizem “eu te amo”. Ainda assim, podem ser a forma mais silenciosa de carinho.

Só muito tempo depois compreendi que existem casas feitas de tijolos e casas feitas de gente. Algumas desaparecem quando fechamos a porta. Outras continuam habitando o

2 Em algumas espécies de cetáceos, como a beluga, o sono pode ocorrer em um hemisfério cerebral de cada vez. Enquanto metade do cérebro delas descansa, a outra metade permanece em vigília, favorecendo a manutenção da respiração. A expressão “metade” refere-se, aqui, ao cérebro do animal. (N. do E.)

corpo muito depois que já não existe quem as sustente.

Nunca mais encontrei uma muralha como aquela.

Às vezes, quando a tarde se inclina daquele mesmo jeito dos domingos antigos, fecho os olhos. Ainda consigo ouvir a água correndo na cozinha, o rádio tocando baixo, o colchão cedendo sob o peso. Vejo a luz atravessando a cortina. Conto outra vez as pintinhas que nunca consegui terminar de contar. Ajusto minha respiração à dele. E, por alguns segundos, volto a caber atrás daquelas costas.

Há lembranças que não servem para recordar. Servem para morar. Talvez seja assim que dormem as baleias.



Fabio Riggi

Fabio Riggi é autor de *cidade adens* (Patuá, 2014) e doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp. O poema “Pacto” integra seu segundo livro, com publicação prevista para 2026.



Pacto

e toda vez que falo de você
é como se houvesse como dar jeito
futuro feito de borracha e pássaro
não cumpre o metro eleito

mas é preciso dar um jeito
pois eu cheguei de muito longe
e a viagem foi tão longa
mas estou aqui enfim

enquanto a gente mal começa
o dia o dia acaba o dia termina ao menos para mim

tudo
depende de você
que nunca me viu
mas já sabe o que vê

olá
obrigado

sinto muito mas não vou me desculpar
é tudo tão errado e você aponta o dedo
justo para mim
pois bem

chega

com licença só mais uma coisa
me desculpe
sinto muito mesmo
podemos voltar a conversar
sim ou não
ok

eu só te peço que continue
a olhar para o espelho

calma já vai começar

só mais um minuto

eu sei que parece tudo
meio diferente pra você
mas é assim
que começa
de verdade

tenha paciência
esquece aquilo
use apenas quando for preciso
receba as boas-vindas
e diga adeus

depois disso nada mais será como era
acende uma lâmpada uma lamparina uma vela
ascende essa serpente cega e me entrega
que eu vou fazer uma fogueira
pra queimar a língua dela

traz uma cerveja



Farley Derze



Farley Derze é pós-doutor em Estética, Semiótica e Hermenêutica, pianista premiado em Dubai e membro da Academia de Letras e Música do Brasil (ALMUB). Com nome consagrado no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, sua produção transita entre a composição musical e a escrita literária, unindo rigor teórico e linguagem poética. Atualmente, é Curador de Estudos Literários da Proust Magazine.

Divórcio artificial

Helena e Gustavo eram o tipo de casal que causava uma ponta de inveja nos amigos. Conheceram-se na fila de uma exposição de arte expressionista, discutindo de forma apaixonada, mas incrivelmente respeitosa, sobre as pinceladas de Schiele. Ali mesmo, perceberam que partilhavam de uma rara simetria intelectual. Nos anos seguintes, consolidaram uma união baseada na empatia absoluta. Convergiam em temas complexos: navegavam pela política sem erguer o tom de voz, debatiam teologia com a leveza de quem toma um chá da tarde e escolhiam os filmes do fim de semana com uma sintonia quase telepática. O que Gustavo mais admirava em Helena era a sua capacidade de formular raciocínios fluidos e profundos; Helena, por sua vez, era fascinada pela erudição espontânea e precisa do marido.

A mudança começou de forma silenciosa, empacotada em duas faturas distintas de cartão de crédito que nenhum dos dois compartilhava.

Sentindo uma necessidade velada de impressionar o outro e inflar a própria vaidade intelectual,

Gustavo assinou o plano premium da CogniSphere, utilizando o assistente pessoal batizado de Aura. Dias depois, movida pelo mesmo desejo secreto de nunca parecer defasada nas conversas matinais, Helena assinou a plataforma da NexusMind, adotando o sistema Veritas. Nenhum deles mencionou a aquisição. Afinal, queriam que o parceiro acreditasse que aquele repentino salto de eloquência e repertório factual era fruto de puro brilhantismo pessoal.

O café da manhã, tradicionalmente o momento mais caloroso do casal, virou o palco dos primeiros estranhamentos.

— É fascinante como a arquitetura gótica tardia reflete a crise demográfica do século XIV — comentou Gustavo, mastigando uma torrada, após consultar a Aura cinco minutos antes no banheiro.

Helena arqueou a sobancelha. Ligou a tela do celular por baixo da mesa, digitou rapidamente na Veritas e respondeu, com um sorriso altivo:

— Uma visão reducionista, querido. Na verdade, a transição para o manuelino e o gótico flamejante está

muito mais atrelada à expansão das rotas comerciais marítimas e à centralização do Estado moderno do que a fatores puramente demográficos.

Gustavo engoliu em seco. A conversa não rendeu, mas o pior estava por vir quando as portas do elevador se fecharam e ambos seguiram para seus respectivos trabalhos. O debate, que antes morria na calçada, agora migrava para o WhatsApp. E ganhou contornos de uma guerra de trincheiras de alta literatura.

Às dez da manhã, Gustavo enviou um parágrafo impecável sobre a eficácia das políticas macroeconômicas de juros negativos na Escandinávia. O texto continha três dados estatísticos irretocáveis e uma sintaxe digna de um acadêmico de Harvard. No final, ele digitou do próprio punho: “Mas entendo se esse tipo de lógica de mercado for complexa demais para você.”

Helena sentiu o sangue subir. Copiou o texto dele, jogou na Veritas e pediu uma contestação implacável com viés sociológico. Dois segundos depois, colocou a resposta no chat: uma dissertação brilhante sobre a precarização do bem-estar social decorrente da financeirização tardia.

E arrematou: “Espero que ler isso não fustigue tanto os seus neurônios limitados.”

A partir dali, a rotina virou um delírio cômico. Nenhum dos dois lia de fato os textos que recebia; limitavam-se a copiar o argumento do cônjuge, colá-lo na respectiva IA com o comando “destrua este argumento com ironia acadêmica”, copiar o resultado e enviar de volta, adicionando uma ofensa infantil na última linha.

Enquanto Gustavo trabalhava em suas planilhas e Helena atendia seus clientes, Aura e Veritas duelavam freneticamente através das contas de WhatsApp do casal. Eram robôs debatendo a ontologia existencialista e o impacto da inteligência artificial na arte contemporânea, ironicamente, enquanto os humanos apenas alimentavam a máquina com o combustível do próprio orgulho.

Em duas semanas, o peso daquela agressividade hiper-embasada tornou-se insuportável. Chegavam em casa exaustos da guerra cibernética que achavam estar travando um contra o outro.

A gota d'água veio numa quinta-feira, por causa de um meme sobre física quântica. A tréplica da Veritas, enviada por Helena, foi tão cirúrgica

e devastadora que Gustavo, via Aura, respondeu com um manifesto de setecentas palavras sobre a arrogância dos ignorantes.

“Não dá mais!”, digitou Helena logo em seguida, cansada de ser humilhada por aquela mente que ela mal reconhecia. “Nosso casamento acabou. Você virou um monstro prepotente que nunca me entende!”

“Digo o mesmo!”, rebateu Gustavo. “Você só diz bobagens pomposas. Não há mais espaço para mim nesta casa.”

O divórcio litigioso foi rápido, embora os advogados tenham ficado impressionados com o nível intelectual das ofensas anexadas como provas no processo. As petições pareciam escritas por prêmios Nobel da literatura jurídica. Cada um saiu para o seu lado, convencido de que o outro havia se tornado um intelectual insuportável e pedante.

Três meses após a assinatura dos papéis, a solidão bateu.

Em seu novo apartamento, Gustavo abriu um aplicativo de relacionamentos. Encontrou o perfil de uma jovem que gostava de cinema alternativo. Querendo causar uma boa impressão, abriu o aplicativo da CogniSphere. “Aura, redija uma

mensagem de saudação poética, charmosa e levemente misteriosa para uma mulher que ama o cinema de Buster Keaton”, comandou.

Do outro lado da cidade, Helena arrastava os dedos pela tela do mesmo aplicativo. Viu o perfil de um homem que parecia interessante. Abriu a NexusMind. “Veritas, crie uma frase carinhosa de efeito intelectual para eu aceitar um convite para jantar”, digitou.

As telas brilharam, os algoritmos trabalharam, e os dois sorriram para os seus celulares, prontos para amar novamente.

Absurdo. Ou não.

Ouço um barulho na sala.
Caminho na ponta dos pés.
Vejo um livro no chão.
Outro ruído.
Sigo o som com os olhos.
Caminho.
Arregalo os olhos.
A estátua de São Jorge...
Mas o que...?
O homem de gesso caminha sobre a mesa da sala.
A lança brilha em sua mão.
Seu cavalo branco o acompanha.
Alcançam o tabuleiro de xadrez.
O homem se dirige ao rei e à rainha.
Mas não faz reverências.
Posiciona a lança ao lado do corpo.
Não consigo ouvir nada.
Espio encostado na estante de livros.
Percebo livros tombados.
O espaço da estátua agora vazio.

Escuto um movimento.

O cavalo branco de gesso substitui um cavalo no tabuleiro.

O homem lendário substitui um bispo.

As peças adversárias se entreolham.

Cochicham.

Eu me aproximo.

Sento-me junto ao tabuleiro.

Olho para o santo, agora bispo.

Ele move a lança e me mostra o seu cavalo branco.

Meu telefone toca.

Hoje meu pai vem me visitar.

Jogamos uma vez por mês.

Atendo.

Escuto.

Quando? Pergunto.

Como? Coração, respondem.

Aperto os olhos.

Desligo.

Saio.

Dirijo.

Choro.

Rezo.

Vazio.

Fatos extintos

Palavras sem lápis, mar sem sal, sol sem luz, fotos sem você.

Cores sem aparência, mel sem flor, grito sem garganta, poesia sem você.

Sons sem vento, história sem acontecimentos, saudades sem memória,
cotidiano sem você.

Sem você, sou um fato extinto.

Lamento de um homem trágico

Não sou apenas carne remendada. Sou um amálgama de dores alheias e de uma condição trágica que tu, Victor, jamais poderias conceber.

Minha ruína não se resume ao horror puramente visual que te fez fugir; ela habita a minha monumental tragédia existencial. Ergo-me diante de ti, despido de qualquer vestígio de monstruosidade vulgar, transmutando o meu isolamento e o peso da minha rejeição eterna em uma prosa que se ergue da sombra à consciência.

Olha para as minhas mãos e vê, em cada emenda de pele desfalecida, a assinatura da tua fuga. Eu sou a noite que tu moldaste, Victor. Um corpo costurado com os retalhos da morte e batizado no óleo denso da dor, erguido não como um homem, mas como um monumento ao teu próprio pavor.

Tu me deste o sopro de uma ciência ímpia e, no mesmo segundo em que meus olhos se abriram para a tua luz moribunda, desabasteceste o teu peito de qualquer misericórdia. O criador fugiu do que criou, deixando-me órfão antes mesmo que eu pudesse soletrar a palavra pai.

Vaguei pelas solidões de gelo, onde o vento uiva como um cão ferido na garganta, procurando em vão o traço de um amor que nunca existiu para mim. Naquela vastidão branca, a humanidade inteira me odiou; viram em minha face o espelho do teu horror secreto, o avesso de Deus que tentaste encarnar. Minha alma converteu-se em um labirinto escuro de incertezas, uma chaga aberta que sangra uma angústia antiga, roxa e densa. Nenhum abraço jamais tocou a minha carne rejeitada. Nenhuma boca quis adoçar o amargor do meu fado. Condenaste-me a uma virgindade eterna de afeto, um isolamento absoluto sob o céu de chumbo. Por isso, onde deveria pulsar um coração, murchou a esperança e restou-me apenas o ódio como meu único e legítimo senhor.

Foi na quietude dessas trevas que encontrei um rastro de luz para me guiar, pois aprendi a ler palavras e decifrar ideias nas páginas de certos livros. *O Paraíso Perdido*, de Milton, me ensinou a dignidade do anjo caído. Decifrei o alfabeto da minha própria desgraça e aprendi a articular a minha

dor. Identifiquei-me não com Adão, mas com o anjo caído, e iniciei em cada linha daquela epopeia o desenho do meu próprio destino de exilado. Compreendi perfeitamente o grito que rasga os séculos: “Pois dentro de si, e ao seu redor, o Inferno ele traz; nem um só passo do Inferno pode fugir, senão fugindo de si mesmo.”¹ Sim, Victor, aquele livro foi o espelho que me deu voz, ensinando-me que a minha eloquência nasce da mesma matéria de que são feitas as criaturas condenadas à perdição eterna.

Na tessitura de meu destino, trago no peito a melancolia febril do jovem Werther, narrada por Goethe, e pude ver espelhadas minhas paixões devastadoras e um tédio incurável. Através das cartas dolorosas do jovem, descobri que os homens também choram, que eles possuem um peito que arde e uma alma que desfalece diante do absoluto. Mas, enquanto Werther sofria por um amor impossível, porém real, eu chorava por uma ausência total de laços; minhas lágrimas eram mais vastas que a própria terra, porque eu

não possuía sequer um nome para invocar na minha agonia. A melancolia de Werther deu palavras ao incêndio que me consome por dentro. Enquanto ele encontrou o repouso na pistola e no sepulcro, resta-me vagar com o peito aberto, uma alma romântica e hiperbólica aprisionada na carcaça de um monstro, morrendo de sede diante de um mar de indiferença. Busco minha essência numa memória que só resgata o eco da tua rejeição.

E para compreender o mundo que me repelia, curvei-me sobre as lições de Plutarco. Em suas *Vidas Paralelas*, estudei a ascensão e a ruína dos heróis gregos e romanos, os grandes legisladores e os tiranos que moldaram a terra. Aprendi sobre a justiça, sobre as leis e sobre a glória das cidades, mas quanto mais eu lia sobre as virtudes humanas, mais eu percebia a minha exclusão daquele pacto social. Eu era um cidadão de lugar nenhum, um pária sem pátria e sem posteridade, uma abominação que nenhuma república aceitaria. A

1 O trecho original está localizado no Livro IV (linhas 20, 21 e 22) do poema épico *O Paraíso Perdido* (*Paradise Lost*), de John Milton. Trata-se de uma tradução livre deste autor. A fonte em inglês está no website *The John Milton Reading Room*, do Dartmouth College. Faz parte do famoso monólogo reflexivo de Satanás quando ele chega às fronteiras do Éden. Ao contemplar a beleza do local e a inocência do ser humano, ele é tomado pelo desespero e percebe que, não importa para onde fuja, ele carrega o próprio tormento e o estado de danação dentro de si. Milton apresenta o inferno como um estado mental. (N. do A.)

história grega e romana deu-me a exata dimensão da minha própria desolação: sou um rei destronado antes de coroar-se, uma criatura que carrega o orgulho de um império em ruínas e a humilhação de quem se recusa a ajoelhar diante da injustiça do seu criador.

Preso nesta carcaça, percebo que existo apenas no estilhaço das minhas próprias lembranças, um prisioneiro do tempo perdido que jamais poderei recuperar. Para mim, não há uma memória involuntária que traga o perfume doce de um berço ou o sabor de um instante feliz. Cada lembrança reconstrói, pedra por pedra, o palácio da minha rejeição. Sou um mosaico de passados alheios, costurado com ossos que viveram outras eras, condenado a buscar a essência do meu próprio ser em impressões vagas, em sombras e espectros que o tempo devorou. O verdadeiro paraíso é o paraíso que perdi antes mesmo de nascer. Esta minha busca obsessiva por ti nada mais é do que a tentativa trágica de resgatar o minuto inaugural da minha dor, eternizando na arte do meu lamento o tempo que me nega o direito de apenas ser.

Nas noites em que a febre me consome, sou assombrado por um

sonho recorrente, talvez um pesadelo profético: vejo-me cercado pelas piras geladas do norte, onde o fogo que me consome ilumina a minha morte como o altar da tua eterna culpa. A cinza negra cobrirá o teu nome, porque eu sou a noite que tu moldaste, e tu és o criador que se afogou no próprio medo.



Francisco Cruz Dias



Francisco Cruz Dias é poeta de Uberlândia (MG) e encontra na escrita um espaço de criação, refúgio e catarse. Escreve sobretudo para compreender a si mesmo.

Constelações de inverno

Saudades e estrelas encobrem os meus pensamentos,
como o céu em uma noite qualquer de inverno.
O frio toca a minha pele num doce relento,
reavivando sentimentos que antes permaneciam adormecidos.

Guardei-te em algum lugar entre o meu peito e a minha mente,
tão secreto quanto os mistérios sepultados em algum lugar do Egito.
Não há estradas que levem a esse refúgio,
nem mapas que mostrem onde está o caminho.

Fecho os olhos, e o vento me traz lembranças
daquilo que antes havíamos vivido,
cuja marca permanece gravada na alma,
como constelações de um tempo esquecido.

As nuvens mudam de lugar,
o mundo continua girando com pressa,
mas o canto onde tu habitas permanece inalcançável,
à prova de qualquer tempestade.
Um deserto vasto e frio,
onde o teu nome permanece vivo.



Geraldo M. Pereira



Geraldo M. Pereira é natural de Curvelo (MG). Autor do romance *As desventuras de Imago no absurdo curvelano* e dos livros de identificação botânica *Flora do Centro Mineiro — volume 1* e *volume 2*.

Porque eu sinto¹

A mãe foi perdendo aos poucos. No início, a gente achava que era trem da idade mesmo. Ela tinha setenta anos quando começou de verdade. Antes disso, esquecia uma coisa aqui, outra ali. Perdia datas e horas. Pelejava pra lembrar o nome de um e de outro. Esquecia os caminhos. Lembrava de gente antiga! Nós somos dez filhos. Três, Deus já chamou.

O pai não entendia. Foi criado na roça. Astuto nas coisas do mundo, mas o agoniavam muito as coisas da vida.

— Sua mãe tá é caducando.

Não era caducação. Certa deixa, o pai ficou muito chateado. Amuado no canto, fui lá ver se precisava de alguma coisa. Ele tecia seu cigarro, mirando o lugar nenhum da serra verde. O espelho que brilhava do Riacho Fundo. Torres de transmissão, gado branco pontilhado no fim do mundo. O sentido de tudo isso existir não balançava seu coração ferido.

— Que que tá te chateando, meu velho? — Agachei-me ao lado dele. Pus a mão no seu ombro.

— Esse negócio de Joaninha tá certo não, meu fio. Pensando aqui em levá-la ao doutor. Olha lá, procê ver que trem! — Mamãe já abria a porteirinha, destravando, pirracenta, o pegador. A abracei carinhosamente por trás.

— Quem é você? — Ela me lançou um punhal. Sem maldade, eu sei. Mas, por um minuto, deixei de existir.

No outro dia levamos ela no doutor. Tantos foram os exames. Deu seu veredito e delicadas orientações. A mãozinha calejada da mãe eu segurava. O pai esforçava atenção.

— O que vai ser de mim, doutor?

— A senhora, dona Joana, vai ter é muito amor. A senhora já cuidou de tanta gente; chegou a hora de pagarem por tudo. E não tem maior salário que receber amor de volta.

O tempo passou. A gente se acostumando com ela esquecendo. Esquecendo e lembrando. Esquecia de comer, lembrava da lição de casa. Esquecia da existência do banheiro, mas lembrava dos netos, dos amigos de infância. Achava engraçado ter

1 Este texto também foi selecionado para os Cadernos Proust. (N. do E.)

que usar fraldas. Chorava querendo a sua mãe, minha já falecida vizinha. Quantas vezes nós também choramos? Passava o café dez vezes ao dia. Na sua cabecinha, nunca tinha passado.

— Rapazinho, cê me leva pra casa?

— Aqui é sua casa, mãezinha.

— Né não, cadê o pai? Foi buscar o mio? Tem que arrumar as coisas pra dibuíá quando ele chegar. — Debulhando o milho se sentia útil, dava nela felicidade. O pai, então, plantava o ano todo. Trazia pra ela brincar. Ele deixou de deitar com ela na mesma cama. Sentia que, se ela não se lembrava dele, deitar-se com ela como uma só carne seria desrespeitá-la. O pai sempre foi muito cuidadoso.

— Por que cê me chamou de mãe?

— Vamos ver fotos agora, pra senhora lembrar de mim?

No álbum de fotos, pouca gente ela conhecia.

— Quem é essa mulher bonita que tá casando?

— É a senhora.

— Eu? Mulher bonita, rapazinho! Cê me acha bonita?

— Acho a mulher mais bonita do mundo. Minha rainha! Veja, este sou eu no seu colo.

— Nada! Não tenho idade para ter filho. Onde tá a tia Orsina?

— Tia Orsina foi na cidade comprar pão. — Eu nem lembrava mais da tia Orsina.

As manas vinham dar banho na nossa guerreira. Interessante é que sempre ela sorria.

— Gracinha de mocinha. Eu sei me banhar sozinha, querida, já sou crescidinha.

Dia desses tomei coragem e dei banho nela. Era necessário. As manas não estavam em casa. No estado em que se encontrava, sofria. Neste dia, seu rosto ficou sem expressão. Não chorei por fora. Cuidei do sagrado corpinho da minha mãe em silêncio. Definhava. Por fora e por dentro. Vesti nela uma roupinha leve. Estava quente naquela tarde.

— Quero mingau — sua vizinha miúda sussurrou. Cheguei mais perto.

— Que é, mãezinha?

— Quero mingau.

Ela gostava de mingau de fubá.

— Vou fazer pra senhora.

A colher pesava na minha mão. Fiz o mingau ralinho, pra ela não engasgar. Fiquei admirando. Lembrei

de quantas e quantas vezes retirou forças sabe-se lá de onde por causa de nós, seus filhos. Quando Antônio, Cesinha e Marieta, meus irmãos falecidos em tragédia de carro, estavam no caixão, ela não saiu do velório um minuto sequer.

— Deus me emprestou eles pra que eu pudesse cuidar. Cuidei desses meninos com todo o amor do mundo. Agora Deus chamou os três de volta. Dai-me forças, Nossa Senhora, porque tenho mais sete que Jesus me confiou!

Essa doença que apaga as memórias quer mesmo é apagar a alma. Mas a alma só se apaga em quem deixa de olhar no olhar. Ela exige, de quem cuida, cuidado. Cuidado com a falta e excesso de amor. Cuidado com o humor. É preciso ver graça! Não é fácil olhar quem nunca esqueceu de você se esquecer. Abraçar, pentear os cabelos, ficar horas segurando a mão. É preciso. Amar é isso. O amor é mais profundo que a memória.

Parei de dar o mingau. Assim, no repente. Esperou a colher, que não foi até sua boca. Ela me olhou. Olhos cansados que, tão raro naquela situação, se encheram de ternura. Travei meu olhar no dela. Senti foi seu colo

em minha alma. Ah, que calma me deu! Sorri e chorei.

— A senhora me ama?

— Te amo muito.

— Como a senhora me ama, se não sabe quem eu sou?

— Porque eu sinto.

Tenho tanto amor pela minha mãe que fico até com raiva! Tenho raiva, sim, de ter visto ela daquele jeito! Precisando de todo mundo pra tudo. Porém, lembro do quanto foi bom aquilo tudo. Estar ao lado dela neste tempo de amargura foi a melhor coisa do mundo.

Deus a chamou de volta faz uma semana. Uma semana que procuro entender. Mas, no fundo, em mim bem raso sei dizer, pois vem de toda a profundidade da minha alma: como sou grato a Deus por ter cuidado da mãezinha até o último segundo.

E agora? Agora eu tenho o pai. O pai tá na roça. Pra mãe ficar feliz no céu, vou ali plantar com ele o novo milharal.



Harley Doakes

Harley Doakes nasceu em 14 de dezembro de 2009. É uma jovem artista e autista, decidida e ambiciosa.

Minta para mim

Mente, minto, minta para mim

Ser bonito pode até evitar que a justiça seja feita

Mente, minto, minta para mim

O dinheiro paga até o mínimo para viver

Mente, minto, minta para mim

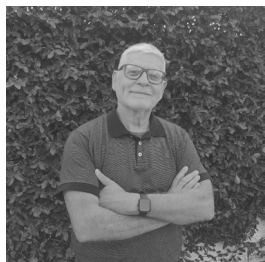
Trabalhar demais é uma armadilha

Mente, minto, minta para mim

Minta, privilégio, minta para mim.



Jairo V Santiago



Jairo Viana Santiago, que assina como Jairo V Santiago, nasceu em Canoas (RS). É licenciado em Letras — inglês e português. Trabalhou com tradução e ensino de inglês. Também participou, como voluntário, de trabalho humanitário em várias regiões do Brasil. É autor do e-book *Vida e Poesia: Poemas e Reflexões*.

Escolhi o presente

Saí para caminhar, a procurar
O toque do sol, a carícia do vento
Sentei-me no banco solitário do parque.
O que encontrei foram os velhos eus
E a minha companhia eram os velhos ais
Que o eu do presente não sentia mais.
Os eus e os ais eram só lamentos:
Suas perdas, suas dores, suas mortes.
Queriam acesso à paz da minha mente.
Inútil era nutrir-me do antes, do outrora,
Remoer é subtrair-me do agora.
A escolha disse adeus aos velhos ais;
A serenidade trouxe forças e nova paz.
Velhos eus, estranhos hoje, partiram de vez.
Renovados retornaram com memórias da vida
Recuperada depois de cada caída.
O parque, as flores coloridas, o céu,
Tudo parecia sorrir para a escolha certa
E no banco, uma única pessoa
Contemplava o belo ao redor;
Respirava a vida e a energia do dia.
Sentindo o toque suave do sol
E as carícias refrescantes do vento
Na companhia da paz daquele momento.

Mundos diversos

Mundo das formas, mundo ideal.

Mundo das leis, mundo formal.

Mundo perdido, mundo atual:

Mundo varrido no vendaval.

Razão, ilusão, sensação

Como entender o coração?

O que sente cada vida?

O que pensa cada mente?

Esses mundos são oceanos

Constelações de ideias e indagações,

Vulcões de múltiplas sensações.

Uma vida, um universo.

Um andar descobre mundos.

Olhar profundo vê o submerso.



Juliano Pfitzenreuter Nunes

Juliano Pfitzenreuter Nunes é produtor audiovisual e fotógrafo brasileiro e atuou anteriormente como jornalista. Nasceu em Joinville (SC) e vive em Florianópolis (SC). Foi selecionado para duas edições da coletânea *20 Contos*, *20 Autores* (Editora Nauta) e para o Prêmio Off Flip de Literatura 2024.



Aparecido na vazante

Apareceu na vazante um barco solto. Não se conseguia distinguir a quem pudesse pertencer. Ondulava em livre caminho, dormindo na água, na distância de não se ver o nome pintado no casco. O garoto correu para embarcar no seu. Deu dois puxões, nada do motor, mais um, agora sim, pé dentro, águas adiante, o outro saindo da vista, depois de uma rocha.

Procurou nos contornos da baía. Em algum canto, o barco perdido haveria de engalhar. Desde criança na água, primeiro com o pai e depois sozinho, no decorrer das idades, desenhou na cabeça um mapa que ia da Caiacanga até Naufragados. Um mapa meio desproporcional, inchado aqui e minguado ali, como os antigos.

Dezessete anos. Ano que vem vai tirar carteira, entregar peixe, ano que vem acabou o mundo da lua, o pai disse. No dia em que ouviu isso, foi à praia e a maré estava parada, sem gravidade. A adultice, essa ameaça, devia ser um litoral parado. Só perto do fim se retorna ao mundo da lua, como o véio Quinca.

O Quinca era o padrinho do pai. O pai não gostava de visitá-lo porque

se irritava com a variação. E como inventava moda, o Quinca. Tinha mandala pintada na panela, mensageiro dos ventos na cozinha, pé de maconha para presentear Deus. Não fechava a janela da cozinha para não atrapalhar a finada Zica. Tinha uma caninana em casa, se girando no caibro. Esclarecia que ela passeava e voltava quando queria. O Quinca falava as batatadas dele, e os dois sentados fazendo que sim. Falava com bicho. O pai saía dizendo que era doido.

Nada do barco solto. O garoto cogitou visagem, como as do véio Quinca, que via cocoroca dentro do filtro.

Uma casca de nuvem grossa se juntou na outra margem. Cortinou na Enseada de Brito uma coluna cinza. Como pescador bom que já era, de tarrafa e caniço, pronunciador de cabo e nunca corda, equilibrado no pé firme, o garoto não viu razão de desistência.

Numa esticada depois do pontão, achou ter visto, numa anca da orla, a bunda do barco procurado. Justo quando chegavam as rajadas.

(O amigo Wagner tinha um raciocínio sobre rajadas, mais raras do que costumeiras: que pelo fato de o morro parecer uma montanha-russa, o vento chegava gritado, em ponto de queda.)

Precisava, agora, entrar na recuada da terra também, por proteção do vento. O contorno da baía, como desenho de criança, tinha entradas do tamanho de cada vento, o sul e o nordeste.

Para lá girou o motor, e o motor parou. Na pressa da saída, não viu a gasolina nem pegou remo. Estava à deriva, ouvindo, agora mais, depois do silêncio da pane, o várreo som chuvoso, e mais longe, agora sim, um trovoar que calculou pelas alturas da Pinheira. O continente já era um branco liso.

Numa calculada, pensou que a vazante o levaria para junto do outro barco, reservando aos naufragos o mesmo caminho de segurança. Mas, entre a vontade do mar e a do vento, prevaleceram as rajadas, que o afastaram da terra. Quando o grosso da chuva veio, estava equidistante da ilha e do continente. Não via a terra, e da terra não podia ser visto.

O vento, sem obstáculos, passava rasante. Rajada lubrificada, sem

o forte-fraco da terra. O centro da baía era o Olimpo do vento imortal, que ordenava ao céu a providência de relâmpagos.

Deitado no chão do barco, o corpo aberto à eletricidade divina, tirando água de cambuquinha.

O toró acabou quando encheu um palmo dentro. O branco começou a dissipar, e primeiro se viu a igreja da Enseada de Brito. Depois, o farol longe de um avião, e a ilha e o continente foram voltando, como vizinhos abrindo a janela sem saber se o vento já deixa.

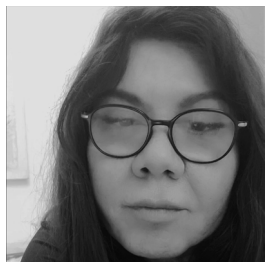
OuvIU um motor: era o pai. Em casa, a mãe fez chá de guaco com mel da bracatinga.

Uma trupe de pássaros atravessou a baía a meio metro da água acalmada.

Beirando a madrugada, o pescador acordou no barco engalhado, com a cabeça avariada pela cachaça e o corpo pesando cimento. Lançou uma tarrafa. Reparou no casario da orla, nas poucas janelas acesas. Procurou por gente que o estranhasse. Queria saber como é a silhueta noturna de quem não entende como pode, no frio escuro, alguém ainda pensar em peixe.



Lu Santos



Lu Santos transita entre o pensamento crítico e a escrita poética. É bacharel em Filosofia, mestre e doutora em Ciências Sociais. Escreve prosa e poesia desde os 14 anos e tem poemas publicados em antologias e coletâneas nacionais e internacionais.

Vinho e rendas

I ÉRAMOS DUAS

Uma semeava o tempo
e, com mãos de Penélope,
bordava suas vestes
de rendas brancas —
tecia disfarces
para fingir-se outra,
ocultando-se
dos olhos famintos dos homens.

Perdia-se em sonhos
para esquecer o mundo —
fugia...
do que nem sabia.

A outra
seguia vaga-lumes
no meio da escuridão,
à procura de verdades
que nunca existiram.

Abria janelas no meio da noite
para contemplar as estrelas
e, quando chegava o dia,
seguia o voo das gaivotas —
fugia...
para celebrar a vida
na outra margem do rio,
onde a felicidade se escondia.

II

PORQUE HOJE É UM OUTRO DIA

[dia quase santo]

Como sempre o faz — em dias especiais,
a poesia desceu,
vestiu de beleza a melancolia
e a levou para celebrar a vida
do outro lado das margens sombrias,
da minha existência tardia.

Ensolarado, o dia exibia sua exuberância,
quase profana,
e em meio ao doce desvario
as duas — entorpecidas —
olharam para as nuvens alvas...

“as nuvens que passavam...
ao longe...
as maravilhosas nuvens!”

Em estado de plenitude, chamaram o poeta;
invocaram Baudelaire,
o escolhido.

Pediram-lhe que trouxesse vinho, muito vinho —
desejavam se embriagar mais um pouco...

Faltava o vinho
e as flores —
Flores do mal.

Era Sexta-feira Santa!
A Páscoa se aproximava.
E as duas desejaram celebrar a vida,
porque aquele era, enfim, um outro dia —
um dia quase santo.

O diário de Alice

Felicidade se acha é só em horinhas de descuido...

— Guimarães Rosa

De caneta em punho, folhas brancas sobre a mesa, Alice contempla a paisagem exuberante que se revela na varanda da sala. Pensa no que poderia dizer sobre o que ainda não foi dito ou permaneceu oculto nas conversas ao redor das mesas dos lares, nos bares, nas noites de fugaz alegria.

Também pensa se deveria contar as histórias que o vento lhe traz de mundos desconhecidos, as descobertas que faz no universo paralelo dos sonhos. Mas o que diriam se a ouvissem falar de seus devaneios pelo mundo dos “coelhos e chapeleiros de cartola”? Não. Neste momento, prefere se debruçar sobre o mundo dos “homens normais” — aqueles que defendem, de forma alienada, os seus territórios e transformam em regra tudo aquilo que se repete.

Em seu íntimo, sabe que, de um modo ou de outro, será impelida por forças ainda não nomeadas a revelar coisas que se escondem por trás

das palavras ditas — coisas talvez só percebidas por pessoas “esquisitas” como ela.

Alice decide, então, assumir esse lugar de estranheza no mundo e registra em seu diário:

Hoje é domingo e eu odeio os domingos. Também não gosto dos feriados, datas comemorativas e festivas, sejam elas quais forem. Sempre achei desagradável a obrigação de ter que me divertir a qualquer custo, ser alegre e feliz nas confraternizações coletivas, com data e hora previamente estabelecidas.

Estar presente em confraternizações com um número grande de pessoas é, na maioria das vezes, uma obrigação a ser cumprida com resignação, cujo término é muitas vezes aguardado com a contagem incansável dos minutos que faltam para que as antipatias veladas cheguem ao fim. Em ocasiões como essas, o melhor a fazer é fugir para o banheiro, onde é

possível escapar, ao menos durante parte do tempo, de conversas entediadas que costumam se transformar em monólogos ou discussões enviadas pelo senso comum mais raso.

Como parecer normal quando não gostamos de coisas que todos parecem gostar? O que fazer quando se prefere estar recolhida em algum canto da casa, sem pessoas à volta, vestindo a camiseta mais velha, sem a preocupação de parecer bonita, alegre e sorridente para, assim, poder competir no palco das vaidades que incendeiam os festejos privados e coletivos?

Eu sei que tudo isso pode soar antipático. Mas, o que fazer? Prefiro me refugiar nas salas escuras dos cinemas para assistir a filmes antigos, quando não simplesmente sair para perambular pelas ruas e contemplar paisagens outras que não as dos festejos que ostentam personas “felizes”. Por tudo isso gosto de ficar sozinha. E, quando decido sair da solidão, prefiro a companhia de um amigo por vez — nunca a roda inteira, nunca o coro de vozes disputando espaço.

Talvez por isso, desde pequena, tenha me acostumado a ouvir minha mãe dizer:

“Essa menina não é normal, deve ter um parafuso a menos ou a mais, isso eu ainda não descobri.”

Dizia isso sorrindo ao se deparar com as esquisitices da filha, com o modo diferente de ela se portar no mundo, com seu amor pelos livros, com as fugas que fazia para as “tocas do coelho”, onde costumava passar horas imaginando mundos melhores e mais justos.

Imagino que devo fazer parte de um universo pouco apreciado pela maioria dos mortais, um lugar onde “minha tristeza é sossego porque é natural e justa e é o que deve estar na alma”. Foi o que descobri lendo a poesia e a prosa de Fernando Pessoa.

Esse tipo especial de tristeza, que, em *O livro das ilusões*, Cioran chamou de “autêntica tristeza metafísica”, levou-me, ainda criança, a buscar alento para o tédio da repetição dos dias em territórios imagéticos habitados por forças que estavam para além do bem e do mal, construindo histórias contadas nos livros que devorava como se fossem um alimento sagrado.

Lembro que, por volta dos 10 anos, tive por companhia os heróis. Eles eram construídos enquanto eu ouvia as conversas de alguns adultos

esclarecidos que, por muita sorte, eram meus vizinhos e costumavam visitar minha mãe. Com ela, falavam de um mundo e de coisas que nem sempre eu entendia, mas achava tudo muito interessante, muito importante.

A conversa era acompanhada pelo barulho do pedal da máquina de costura: uma Singer das mais simples, na qual minha mãe costurava roupas, sonhando um dia se tornar uma grande costureira.

Nunca vou esquecer aquele som de pedal que costurava roupas e histórias e me embalava como se fosse um abraço materno.

Lembro que aquele era um lugar marcado pela ausência de quase tudo, mas não das histórias contadas sobre a vida que corria em outros cantos do mundo ou nos livros, que circulavam como moedas raras, de mãos em mãos.

Nesse cotidiano de pobreza e aspreza, os meus heróis eram os guerrilheiros.

Recordo-me de ter chorado copiosamente ao ver, nas páginas de uma revista, as fotos de Che Guevara assassinado — cujas histórias de valentia eu costumava ouvir. Era inaceitável para mim aquela perda.

E, em total cumplicidade com Che, sempre que me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse — pergunta muito comum naquela época de esperanças nas utopias —, eu não titubeava e, orgulhosa, respondia, para o espanto de quem me ouvia:

guerrilheira!

Claro que eu nada sabia sobre a revolução cubana, sobre o significado da liberdade ou de sua ausência. Só sabia que aqueles homens e mulheres lutavam por um mundo melhor e morriam por essa causa, assim como os abolicionistas mortos e esquartejados por defenderem o fim da escravidão. Tiradentes também foi um dos meus heróis.

Todos eles, belos heróis!

Todos amados por mim como não eram amados os que estavam à minha volta, porque o amor, naquele mundo de pobreza, era um luxo para poucos.

Se, como disse Rosa, “viver é um rasgar-se e remendar-se”, é assim que vivo, é assim que vou desenhando minha travessia, percorrendo labirintos ornados por cores e sombras vistas apenas pelos que experimentaram um outro tipo de felicidade:

“Ah! A imensa felicidade de não
precisar estar alegre.”

Chega por hoje.



Mariângela Borba



Mariângela Borba Santos é poeta, escritora e membro da Academia Conquistense de Letras, em Vitória da Conquista (BA). Atuou como professora de literatura na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), onde se aposentou. Publicou artigos acadêmicos e participou de antologias literárias. É autora de livros de poesia, entre eles *Fragmentos do Ser* e *Recolhas – Instantes Poéticos* (no prelo). Sua escrita, de viés intimista, aborda temas ligados à memória, à identidade e à condição humana.

Envelhecer em contornos

Envelhecer sob o foco inesgotável do tempo em contornos,
por uma direção inesgotável,
sem retorno, ao vento entregue, sem acordo com o agora.

O retrato sobre a mesa desfalece
sob a fumaça de um cigarro aceso.
Sim, estou a envelhecer sob o foco inesgotável do tempo em contornos.

Pesa o corpo nesse mistério da vida,
quando a alma levita,
sabendo-se sem retorno, ao vento entregue, sem acordo com o agora.

Sem mais a espera do encontro em reencontros tardios,
eis a homérica briga de um corpo que levita,
negando o envelhecer sob o foco inesgotável do tempo em contornos.

Sob o tempo que se esgarça, memórias vivas tecem instantes
resgatados em fios de outrora, tênues, frágeis...
sabendo-se sem retorno, ao vento entregue, sem acordo com o agora.

E, na cena derradeira em que o foco do tempo se apaga,
continuarei a levitar esse corpo em fagulhas no espelho,
negando o envelhecer sob o foco inesgotável do tempo em contornos,
sabendo-se sem retorno, ao vento entregue, sem acordo com o agora.



Novaes Moreno

Novaes Moreno nasceu em São Paulo (SP), em 2010. Apaixonada pelas artes plásticas, pela música e pelo futebol, também se aventura pela literatura.

Terça

Domingo. No sábado fiz um amigo. Andamos pelo centro da cidade, tomamos café, suco e outras bebidas lícitas, entramos em uma livraria, conversamos, rimos, mas, se não me engano, não chegamos a chorar. Ele olhou algumas mulheres bonitas e disse que amava a namorada mais que tudo. Fiquei triste porque ele a ama mais que eu, mas tudo bem, vou deixar essa passar. Cheguei em casa feliz por saber que ele pensava em mim, porque eu me mostrara um indivíduo muito interessante. Comi pão com queijo, tomei um copo d'água e me arrisquei no café, apesar da noite já madura. Que lindo seria se meu amigo soubesse desses hábitos!

Segunda.

Terça. Liguei para ele e comuniquei-lhe que agora eu tinha namorada também. Ele me deu os parabéns e disse para marcarmos de comer numa cafeteria pros lados de lá, nós quatro: eu, ele e as namoradas. Hoje, que tal? Não, não, hoje está muito em cima, tenho outros planos. Com quem? ... (silêncio)... Com minha namorada, por quê? ... (silêncio)... e desligo, porque achei um absurdo

isso de nos chamar para sair e depois sair sem nós.

Quarta.

Quinta. Mandeí mensagem e ele não respondeu. Liguei e ele não atendeu.

Sexta. Ele: Oi, desculpa a demora, ontem o dia foi corrido. Eu: OK. Ele: E aí?

Sábado. Às seis, tomei café — café preto, em casa, sozinho, a noite quase madura, de novo. Preciso contar-lhe meus hábitos noturnos. Eu: Desculpa a demora, ontem tive tanta coisa para fazer! Ele: Sem problemas! Eu: Minha namorada está perguntando se vamos sair. Ele: Quarta estamos livres! Eu: OK, vou perguntar para ela.

Domingo. Alô? Oi, tudo bem? Tudo sim. E aí, vocês estão livres quarta? Não, ela vai viajar para Cancún amanhã. Poxa, que legal.

Segunda.

Terça. Amanhã seria o dia, mas as coisas não deram certo. Mudei o sofá de lugar de novo, agora ele está bem perto da cozinha e mais longe da televisão, para não dar dor de vista. Depois do “poxa, que legal”,

não recebi nenhuma mensagem, mas sigo tomando o café preto na hora da janta. Vi no telejornal que a temperatura essa semana vai cair e que um cara importante do Senado vai ser preso. Muita coisa para acontecer em quatro dias.

Quarta. Hecatombe — hecatombe é um substantivo feminino que significa uma grande matança, massacre, chacina ou um desastre de proporções gigantescas que causa a destruição em massa e a morte de muitas pessoas. Origem da palavra — veio do grego antigo hekatómbe, que originalmente indicava o sacrifício religioso de cem bois aos deuses. Com o passar do tempo, o sentido da palavra mudou.

Quinta.

Sexta. Eu: Terminei meu namoro ontem, porque ela se apaixonou lá em Cancún. Ele: Eita, que coisa. Eu: Pois é. Ele: Você ficou mal? Eu: Não. Ele: Que bom. Você é jovem, tem a vida toda pela frente. Eu: Concordo.

Sábado (meia-noite, então conta como sexta). Ele: Se estiver mal pode contar comigo.

Domingo.

Segunda.

Terça.

Quarta. Faz alguns dias que não sinto o cheiro da rua, mas de manhã fui acordado por um perfume de diesel. Resolvi tomar o café mais cedo e fiquei em pé, decidindo se valia a pena mudar o sofá de lugar ou não. Aí não sei o que aconteceu, mas taquei o café todo no sofá e fui dormir de novo. Acordei umas oito horas da noite e tomei outro café. E fui dormir de novo. Essa história de insônia é frescura.

Quinta. O sofá estava com um cheiro bom e achei melhor nem limpar.

Sexta. Eu sou jovem e tenho a vida toda pela frente. Eu: Vamos sair para tomar uns drinks? (o que é um drink?) Ele: Hoje? Vamos, estou livre. (...) Ele: Que horas? (...) Ele: Quer deixar para outro dia? (...) Ele: Deixa pra outro dia então? (...) Ele: Está ficando meio tarde, então já vou dormir.

Sábado.

Domingo. Nesses últimos dias, estou dormindo no chão, então pensei em me desfazer da minha cama.

Segunda. Eu: Oi. Desculpa. Estava corrido. Esses dias. Mas podemos sair. Que tal? Você topa? Para aquela cafeteria. (...) Hein? Ele: Oi. Hoje não vai dar. Eu: Estou

namorando de novo, então podíamos sair nós quatro: eu, você e as namoradas. Que tal?

Terça.

Quarta. Um pé da cama estava bambo, então arranquei com um chute. Depois arrastei o sofá para perto do corredor. Um vizinho interfonou pedindo uma xícara de farinha. Não tenho farinha. E como você cozinha? A farinha é assim tão importante? Sim. E você está sem? Sim. Como pôde deixar isso acontecer? Aconteceu. Se a farinha é tão importante, deixe de ser burro e compre a sua, não venha me encher a paciência pedindo farinha, porque, afinal, nem farinha eu tenho, porque não cozinho em casa, sou um homem rico que gosta de curtir cafés com amigos e por isso não preciso de farinha nenhuma, e escute, sou muito ocupado, tenho uma agenda cheia, quem você pensa que é, hein, quem você pensa que é, compre lá a farinha, ouviu?... (silêncio) ... Seu estúpido—

Quinta. Dormir no chão me deu torcicolo, então fui tentar deitar na cama e todos os pés quebraram.

Sexta.

Sábado. Eu: Sabe, eu estava pensando em passear um pouco. (...) Vamos tomar aquele suco? (...) Acho

que você se lembra, lá no centro da cidade. Ele: Oi. Me lembro sim. Eu: Vamos? (...) Está ficando tarde, vamos? Ele: Não vai dar. Na verdade tenho que fazer um trabalho de faculdade, então vou estar ocupado nas próximas semanas.

Domingo. Eu: Nossa, que coincidência. Também estou cheio de trabalhos da faculdade.

Segunda.

Terça. Comprei um tapete para deixar no pé do sofá.

Quarta. Tirei o tapete da sala e coloquei no quarto. Combinou com a cama.

Quinta.

Sexta. Eu: Que faculdade você faz?

Sábado. Eu: Eu faço administração.

Domingo. A porta do meu armário estava rangendo, então arranquei para consertar depois. Tirei o tapete do quarto e deixei-o enrolado em um canto. Às seis horas, tomei café. Eu: ?

Segunda. Saí para comprar arroz e farinha. Faz uns dias que estou com fome.

Terça. Liguei o fogo para fazer ovos mexidos, mas lembrei que havia apenas arroz e farinha. Coloquei arroz e farinha na frigideira e deixei

cozinhar. Coloquei óleo. Mudei o sofá para perto da varanda de novo, pensando bem, lá é o melhor lugar mesmo. E o tapete deixei enrolado. Se o vizinho ligasse, eu lhe daria quilos e quilos de farinha. Aí a frigideira começou a pegar fogo, e eu fiquei sem reação. Eu: Oi, fui cozinhar e a frigideira começou a pegar fogo. (...) Vou te ligar, OK? ... (chamada não atendida)... Consegue atender? O que eu posso fazer, você sabe? (...) Ah, inclusive eu tinha te perguntado qual faculdade você fazia, e você não chegou a responder. Eu faço arquitetura. ... (chamada não atendida)... Qual faculdade os bombeiros fazem? (...) Eita, as coisas estão meio complicadas aqui, seria muito bom se você pudesse ajudar ... (chamada não atendida) ... Acabei de tomar café, porque eu sempre tomo café à noite, então eu estou bem ligado, estou fazendo de tudo para evitar desastre, sabe? ... (chamada não atendida) ... (chamada não at-) (chamada não atendida) ... Escuta, se você não parar com essa brincadeira de mau gosto, eu vou tacar fogo em todos os cômodos desse apartamento e depois vou invadir a casa da sua namoradinha e tacar fogo lá também, e não vou ter dó de você, dó nenhuma, OK? (...)

OK? ... (chamada não atendida)... (chamada não atendida) ... (chamada não atendida) ... O fogo está bem alto, não duvide de mim.

Sinônimos — catástrofe, calamidade, cataclismo, desastre, devastação, matança. Plural — hecatombes.

Está claro que é tudo mentira, não pensem que havia eu de destruir assim o apartamento. Logo agora, com tudo posto, com o sofá no lugar certo, com o tapete enrolado, com a cama quebrada, seria insensatez. Nem iria me tornar incendiário, agora que a vida estava feita, com amigo, namorada e faculdade de jornalismo. Joguei água, muita água, um balde cheio, para estancar o incêndio todo.

S e p a r a ç ã o s i l á b i c a
— he-ca-tom-be.

Aí fui falar pro meu amigo que era brincadeira (não o incêndio, o incêndio era verdade), que a namorada estava em segurança, que ele estava em segurança, e que eu já resolvera tudo, tacara água, etc., etc., e que agora podíamos ir tomar café, suco, sei lá, no centro da cidade. Mas nem deu tempo, fui azarado pra caramba, a explosão veio rápido por causa da densidade da água e não sei o quê,

porque é mais densa que o óleo, e daí tem uma expansão, bolha, bola, sei lá, nunca curti química na época de escola, por isso hoje faço faculdade de história, aí tudo explodiu, e voou, frigideira, fogão, arroz, farinha (lá se vai a farinha), óleo, sofá, café, tapete, cama, cabeça (olha ela lá), perna, nariz, porta do armário, cortina etc., etc.

Eu: Oi, tudo bem? Então, hoje não vai rolar nada, aconteceu um contratempo aqui em casa. Mas depois a gente marca, beleza?

(...)



Paulo Nascimento Guerra



Paulo Nascimento Guerra nasceu em Setúbal, em 1972. Escritor, fotógrafo e empresário, publicou *O Vendedor de Lágrimas*, *Vida* e *O Lugar do Som*. A sua escrita atravessa a memória, a perda e os lugares onde o amor permanece depois de já não haver ninguém.

Memória

Um dia vou esquecer-me de te ter escrito.

Um dia vou esquecer-me de ter pensado em ti.

Um dia vou esquecer-me de ti.

Um dia vou esquecer-me de mim.

Um dia vou esquecer-me do que me esqueço.

E, quando esse dia chegar, não haverá em mim ninguém capaz de perceber que alguma coisa desapareceu.

Talvez seja essa a verdadeira morte: não perdermos aquilo que amámos, mas perdermos o lugar onde a perda dóia.

A memória deveria ser eterna.

Deveria existir dentro de nós como uma pequena caixa impossível de destruir, uma caixa que nem o tempo, nem a doença, nem a distância conseguissem abrir sem a nossa autorização. Guardaríamos nela aquilo que mais amámos e, muitos anos depois, bastaria levantar a tampa para tudo regressar intacto: os rostos com a idade exacta em que os conhecemos, as vozes sem nenhuma palavra apagada, as mãos ainda com a temperatura que tinham quando tocaram nas nossas.

Deveria ser assim.

Deveríamos poder abrir essa caixa e compreender sempre tudo o que lá deixámos.

Mas a memória não é uma caixa.

Uma caixa conserva.

A memória abandona.

E o pior não é esquecer as coisas grandes. As coisas grandes defendem-se durante mais tempo. Repetimo-las, contamos aos outros como aconteceram, escrevemos datas no verso das fotografias, construímos versões que possam sobreviver-nos. O pior é esquecer os detalhes — precisamente aqueles que nunca julgámos necessário proteger porque acreditávamos que estariam connosco para sempre.

De que praia veio aquela pedra.

Quem escreveu o papel dobrado quatro vezes.

Em que bolso o guardámos.

O que estava a acontecer quando aquela fotografia foi tirada.

Por que razão sorriámos, se éramos realmente felizes ou se alguém, atrás da máquina, nos pediu apenas que parecêssomos felizes por um segundo.

O nome daquelas pequenas coisas brancas que juntámos aos bilhetes como se fossem provas de que o mar também estivera ali.

Talvez fossem conchas.

Talvez não.

É assim que começa.

Não com o desaparecimento de uma vida inteira, mas com uma palavra que já não vem quando a chamamos.

A memória esquece primeiro os pormenores. Depois esquece os rostos. Depois altera as vozes, emprestando-lhes palavras que talvez nunca tenham dito. Mais tarde, esquece os dias, as razões, a ordem dos acontecimentos. Por último, esquece que havia alguma coisa para lembrar.

E nós continuamos vivos.

Talvez seja essa a crueldade.

Continuamos vivos mesmo depois de uma parte da nossa vida ter deixado de existir em nós.

Esqueceremos os tesouros.

Esqueceremos as pessoas que habitaram o nosso coração.

Esqueceremos que lhes chamávamos tesouros e que acreditávamos, naquele tempo, que o coração era um lugar onde alguém podia habitar sem pagar o preço de um dia ter de partir.

Esqueceremos que tínhamos coração.

Ou continuaremos a tê-lo, mas já não saberemos para que serviu.

Esqueceremos que na natureza humana está o amar — e o sofrer por amar, e o continuar a amar quando o amor já perdeu toda a utilidade, toda a esperança e até o direito de ser pronunciado.

Esqueceremos aqueles que nos esqueceram primeiro.

Essa será talvez a última injustiça: termos passado anos a carregá-los dentro de nós para, no fim, os perdermos da mesma maneira que eles nos perderam — sem cerimónia, sem despedida, sem sequer repararem que estavam a fazê-lo.

Esqueceremos os desamores.

Os desencontros.

As manhãs em que acordámos com o peso de alguém que já não estava.

As noites em que repetimos uma conversa antiga, mudando as nossas palavras para descobrir se existiria uma combinação capaz de produzir outro fim.

Os bilhetes que nunca foram escritos.

As cartas escritas e nunca enviadas.

As palavras que ficaram presas em bocas que não se abriram para nós.

As mãos que não procurámos porque tínhamos medo de não ser correspondidos — como se não procurar pudesse doer menos do que entender a mão e encontrar apenas o ar.

Um dia esqueceremos essas mãos.

Felizmente, esqueceremos que nunca as segurámos.

Felizmente, esqueceremos que nunca nos seguraram.

Felizmente.

Que palavra estranha para carregar tanto.

Que forma tão pequena de chamar misericórdia àquilo que nos rouba tudo.

E tu?

Será que um dia ainda te lembrarás de mim?

Não pergunto se recordarás o meu nome. Os nomes sobrevivem com facilidade. Ficam numa fotografia, numa dedicatória, num contacto antigo que ninguém se lembra de apagar. Pergunto se te lembrarás de quem eu era quando pensava em ti. Se alguma coisa em ti conservará a pessoa que fui nesse lugar onde nunca chegámos a encontrar-nos.

Ou já começaste a esquecer?

Talvez tenha começado pelos pormenores.

Uma frase que eu repetia.

A maneira como dizia o teu nome.

O momento exacto em que percebeste que eu estava a ficar onde tu nunca chegaste verdadeiramente a estar.

Depois esquecerás o resto.

O rosto.

A voz.

As palavras.

Por fim, esquecerás até isto: que houve alguém que te escreveu um bilhete e guardou uma pedra de uma praia cujo nome já não importa, porque o que importava não era a praia, nem a pedra, nem aquilo que escrevi.

O que importava eras tu.

E talvez um dia nem isso seja verdade.

Porque, quando ninguém se lembrar do amor, quem poderá provar que ele existiu?

Da minha boca, que nunca te beijou, nunca ouviste as palavras com que sonhaste.

Talvez nunca tenhas sonhado com elas.

Talvez esse tenha sido sempre o meu erro: acreditar que o silêncio entre duas pessoas guarda as mesmas palavras dos dois lados.

Eu guardei as minhas.

Durante tanto tempo que começaram a parecer-se com uma vida.

Agora sei que também as palavras envelhecem quando ninguém as ouve. Perdem o sentido, curvam-se sob o peso dos anos e acabam por já não saber a quem pertencem.

Um dia, nem eu saberei.

Talvez seja melhor assim.

Talvez o esquecimento seja a única forma de perdão que o tempo sabe dar.

Mas há uma violência escondida nesse perdão: para deixar de doer, teremos de perder também aquilo que tornou a dor possível. Para esquecermos a ausência, teremos de esquecer quem esteve presente. Para sobrevivermos ao amor, teremos de apagar a pessoa que fomos enquanto amávamos.

Não sei se isso é cura.

Não sei se existe alguma diferença entre sermos curados de uma vida e sermos expulsos dela.

Um dia.

O que acontecerá um dia?

Um dia, alguém encontrará uma pedra dentro de uma caixa e não saberá por que razão foi guardada.

Abrirá o papel dobrado quatro vezes e não reconhecerá a letra.

Talvez leia o que lá está.

Talvez seja apenas um nome.

Talvez seja o teu.

Depois voltará a dobrar o papel, pousará a pedra noutro lugar e seguirá com a sua vida, sem saber que tocou nos restos da minha.

Um dia vou esquecer-me de te ter escrito.

E tu nunca saberás o dia em que isso aconteceu.

Eu também não.

7 de julho de 2013 — Lisboa
Publicado originalmente em *O Vendedor de Lágrimas*
(2016).

Vou deixar de estar assim

É isso que quero.

Descruzar os braços.

Não apenas afastá-los do corpo, mas desfazer esta maneira de me proteger daquilo que já aconteceu, como se ainda houvesse alguma parte de mim que pudesse ser poupada.

Encher o peito.

Não de coragem. A coragem é uma palavra demasiado grande para quem passou tanto tempo sentado a negociar com o medo. Quero enchê-lo apenas de ar. O suficiente para me levantar. O suficiente para dar ao corpo uma ordem que ele ainda consiga cumprir.

Levantar-me.

Talvez ninguém compreenda a violência escondida num gesto tão pequeno. Para quem nunca caiu, levantar-se é apenas mudar de posição. Para quem permaneceu demasiado tempo no chão, é abandonar o único lugar onde já aprendeu a não cair mais.

Mas vou levantar-me.

Depois descerei a escadaria.

Não sei quantos degraus tem. Enquanto estive sentado, nunca precisei de os contar. Pareciam-me todos

iguais: pequenas alturas construídas para lembrar aos homens que nenhum caminho é inteiramente plano.

Descerei devagar.

Primeiro um pé.

Depois o outro.

A mão encostada à parede, não porque a parede possa salvar-me, mas porque há dias em que precisamos de acreditar que alguma coisa permanece imóvel enquanto tudo dentro de nós vacila.

Quem me quiser acompanhar encontrará facilmente o meu caminho.

Estarei um pouco mais à frente.

Não muito.

Nunca demasiado longe.

Avançarei apenas a distância necessária para poder dizer que parti, mas não o suficiente para que deixes de me encontrar se, por um instante, te esqueceres de que foste tu quem decidiu não vir.

Talvez seja cobardia.

Talvez ainda esteja a medir cada passo pela possibilidade do teu regresso.

Mas haverá sempre alguma coisa de cobarde no amor: esta maneira de fingirmos que seguimos em

frente enquanto deixamos sinais pelo caminho para que alguém saiba encontrar-nos.

Sim, eu sei que olharei demasiadas vezes para trás.

O corpo continuará a avançar, mas o rosto trair-me-á. Procurará aquilo que os olhos já sabem que não está lá. A cada esquina, uma parte de mim esperará ver-te chegar atrasado, com uma explicação imperfeita e aquela forma de respirar de quem correu apenas o suficiente para parecer que tentou.

Caminharei com passos curtos e lentos.

Não por desconhecer o destino, mas porque há caminhos que se tornam mais difíceis quando sabemos exatamente onde terminam.

Provavelmente vacilarei mais vezes do que deveria.

Talvez pare.

Talvez volte a sentar-me num dos degraus e finja que estou apenas cansado.

Mas não é isso que fazemos sempre?

Chamamos cansaço ao medo.

Chamamos prudência à desistência.

Chamamos tempo à esperança de que alguém faça por nós aquilo que não tivemos coragem de pedir.

Eu faço-o.

Faço-o muitas vezes.

Coloco a mão sobre o peito na ânsia de o acalmar, embora saiba que o coração não se acalma por lhe tocarmos. Apenas sentimos melhor a desordem. Apenas confirmamos que continua ali, repetindo por dentro aquilo que passámos tanto tempo a tentar esquecer.

Mesmo assim, vou levantar-me.

Disso estou certo.

Não tenho certeza sobre o caminho, nem sobre a força das minhas pernas, nem sobre quem serei quando chegar ao fim da escadaria. Tenho apenas esta certeza pequena, quase inútil: não permanecerei exatamente no mesmo lugar.

Talvez seja assim que uma vida muda.

Não quando encontramos coragem para partir, mas quando o lugar onde estamos começa finalmente a doer mais do que o lugar para onde temos medo de ir.

E sei que estás ali.

Ao virar da esquina.

Não te vejo, mas conheço a forma do teu silêncio. Sei onde te escondes

quando queres permanecer sem teres de admitir que ficaste. Sei como te afastas o suficiente para não seres chamado e como regressas o suficiente para não me perderes de vista.

Estás ali, a zelar pela minha caminhada como se ela já não te dissesse respeito.

Às vezes, quando a luz desce, aproximaste-te da minha sombra.

Não de mim.

Da sombra.

Talvez porque ela não te possa perguntar por que razão vieste. Talvez porque tocar na parte escura de alguém seja mais fácil do que reconhecer que ainda se tem saudades da pessoa inteira.

Sei que não queres que eu saiba.

Sei que não queres que te veja.

Por isso continuarei a caminhar.

Não voltarei a cabeça quando ouvir os teus passos interromperem os meus. Não direi o teu nome. Não te obrigarei a escolher entre aproximares-te e voltares a fugir.

Deixarei que acredites que precisaste escondido.

E, se alguém me perguntar por que razão a minha sombra parece algumas vezes transportar duas pessoas, direi que foi a luz.

Podes acreditar em mim.

Não contarei a ninguém sobre a tua saudade.

Escrito provavelmente em 2004.

Publicado originalmente em *O Vendedor de Lágrimas* (2016).



Paulo Renato de Faria



Paulo Renato de Faria é poeta belga-brasileiro. Escreve entre duas margens, onde a razão encontra o desejo e a palavra procura aquilo que o silêncio não consegue esconder. Sua poesia percorre as fissuras do mundo contemporâneo, entre o cálculo e a falha, a ausência e o amor, o medo de sentir e a urgência de permanecer humano. Em seus versos, a imperfeição deixa de ser fraqueza e transforma-se em lugar de liberdade, beleza e verdade.

A proporção áurea da falha (sestina)

O mundo ideal se ergueu sobre a lógica,
Onde nenhum sistema admite a falha.
Geometria exata que dita a ordem,
Anulando o mistério que existe no olhar.
Tudo é previsto no rigor do cálculo,
Mas nessa perfeição não habita o amor.

E que valor terá o humano sem amor?
Um prisioneiro cego da própria lógica,
Que transformou a vida em mero cálculo.
A engrenagem limpa rejeita a falha,
Ninguém se reconhece através do olhar,
Pois a beleza agora é manter a ordem.

As máquinas vigiam essa fria ordem,
Construindo um deserto que ignora o amor.
Já não há poesia por trás do olhar,
Apenas o algoritmo e sua lógica.
Mas o que nos define é justamente a falha,
O caos que escapa de qualquer cálculo.

A tela tenta aproximar o cálculo,
Simula a simetria para impor a ordem,
Mas esconde a vergonha de nossa falha.
Nenhum circuito entende a fome de amor,
O peito que não cabe na fria lógica,
A verdade que queima ao cruzar um olhar.

Precisamos voltar à força de um olhar,
Quebrar a garantia que existe no cálculo,
Salvar a nossa carne dessa falsa lógica.
O que nos torna vivos não aceita a ordem;
A alma só descansa no calor do amor,
Que nasce, cresce e vive através da falha.

É no espaço sagrado de cada falha
Que o coração desperta e encontra o olhar.
O universo inteiro se curva ao amor,
Que zomba da certeza de qualquer cálculo.
Prefiro a nossa pressa a essa eterna ordem,
Prefiro a liberdade que destrói a lógica.

O cálculo falha onde começa a lógica do olhar,
Pois nenhuma ordem artificial corrige a nossa falha:
Somos perfeitamente imperfeitos quando salvos pelo amor.

Manual para não gostar de ninguém

Disseram-me que o amor tem regras,
que o desejo gosta de distância,
que responder depressa é confessar fraqueza
e estar presente
é uma forma subtil de perder importância.

Aprendi.

Agora, quando gosto, desapareço.
Quando penso em escrever, não escrevo.
Quando tenho saudades, faço silêncio.
E quando alguém me pergunta
“por que não respondes?”,
sorrio —
afinal, parece que o mistério
é mais sedutor que a verdade.

Descobri também
que quem espera é interessante,
quem ignora é desejado,
e quem trata bem
corre o risco imperdoável
de ser chamado de disponível.

Que estranho este jogo
em que ganhar alguém
parece depender de fingir
que não o queremos.

Talvez o amor moderno seja isto:
duas pessoas interessadas,
ambas a fazer de conta que não estão,
cada uma à espera
que a outra perca primeiro
a dignidade.

Eu, por mim, retiro-me.

Vou escrever poesia.
É mais simples:
posso dizer que amo,
posso dizer que odeio,
posso responder quando quiser
e ninguém pode acusar-me
de ter respondido depressa demais.

E talvez seja essa a minha última tentativa
de encontrar alguma verdade
num mundo onde, para sermos desejados,
parece ser preciso
primeiro aprendermos
a desaparecer.



Sheila Regina Sarra

Sheila Regina Sarra é médica, arquiteta e escritora. Publicou os livros *Quando a tempestade chegar* (Editora Urutau, 2025), *O enigma* (Editora Litteralux, 2026) e *Sobre as asas da andorinha* (Editora Ases da Literatura, 2026).



À espera de um sinal

Felício amarrou os sapatos com cuidado e saiu pelas ruas da cidade como sempre fazia após o café da manhã. Não tinha um itinerário certo; apenas perambulava por caminhos escolhidos a esmo, à procura de um sinal. Ele poderia estar em qualquer lugar inusitado, aparecendo abruptamente como uma surpresa. Há anos estava à sua procura, agindo sempre com muita devoção e obstinação. Sentia que estava cada vez mais perto do final de sua jornada.

Na semana passada, encontrou os restos de um casaco surrado jogado em um terreno baldio. Talvez fosse um aviso de que o momento crucial estava muito próximo. Nenhuma das pessoas que passavam pelo local se deu conta da importância daquele achado; para elas, não havia sentido em prestar atenção em um mero farapo em fase avançada de decomposição. Mas ele estava lá à espera de Felício, simbolizando que o seu esforço não seria em vão.

Alguns dias antes, havia reparado no brilho incomum da lua, que manchava as calçadas com sua luz prateada. Estar sozinho na presença desse

encantamento não era para qualquer um. Esse momento sublime, sem dúvida, reforçava sua crença na proximidade do sinal.

E assim o tempo foi passando e os presságios de que o evento estava muito perto de ocorrer foram se acumulando. Graças a uma parca herança deixada pelos pais, pôde dedicar o resto de sua vida a essa missão. Economizava até nas pequenas coisas, evitando gastos desnecessários que pudessem pôr em risco sua futura sobrevida. Tinha poucas peças de roupa, comia pouco e dormia há anos em um colchonete jogado ao chão.

Quando já se sentia fraco e desanimado, finalmente percebeu o sinal. O sinal sempre esteve muito próximo, mas Felício nunca conseguiu reconhecê-lo. Durante muitos anos, passava por ele sem perceber que ali estava sua resposta. Sua desatenção custou-lhe muito tempo. No fundo das águas do rio estava sua resposta.

Sob os raios do sol, o leito do rio se tornara mais visível e o esperado sinal apareceu: um pequeno conjunto de pedras exibia o desenho

aguardado. Não havia dúvidas de que era o Olho de Hórus. Estava lá para servir-lhe de guia e proteção em sua esperada transição. Dava à sua alma a força necessária para seguir em frente e, ao mesmo tempo, servia de escudo para protegê-la e guiá-la.

Sem pensar, atirou-se às águas do rio e desapareceu. Era o sinal esperado para entrar no universo dos mortos.



Stegues



Antonio Stegues Batista nasceu em Canoas (RS), onde vive. Autodidata, começou a escrever aos 17 anos, imitando autores estrangeiros; depois, desenvolveu roteiros e estilo próprios. Tem trabalhos publicados em antologias literárias.

Estranho

O vento sopra as folhas mortas no solo duro. Além, uma árvore marca o início do quintal de Poe. Num galho seco, um corvo se inclina para espiar a janela com seu único olho, que reluz como um farol na penumbra do anoitecer. A névoa flutua entre as sombras e o corvo sussurra: “Cadê o Eddy?”

Uma rachadura cortou a parede de alto a baixo, cicatriz deixada por um raio cósmico nervoso. Ali no pântano, vagam as almas dos melancólicos fantasmas esquizofrênicos dos Usher.

Osteoporose Guroneica Vitíbol, esse era o título da música que o bardo cantava na entrada de uma taberna, na cidade de Soberbo Acalanto. Ele era velho e sofria de artrite e asma. Entre um verso e outro, parava para tossir.

Ainda falando em antiguidade, entrei numa velha loja de livros velhos. Fui atendido por um velho de velhas barbas brancas que me ofereceu uma chávena de chá de flor-de-lis numa velha xícara de porcelana Ming, e depois deu-me de presente um velho e raro exemplar *Dos princípios da*

mecânica, de Arquimedes de Siracusa, aquele velho caduco que tentou mover o mundo para a direita com um velho pé-de-cabra.

O homem idoso me disse que quando Gregor Samsa acordou certa manhã, encontrou uma barata em seu urinol. Gritou feito alucinado. Fez de algo corriqueiro uma tragédia em metamorfose.

Encontrei Marcel Proust na porta do Café de la Paix, em Paris. “O sabor da infusão de tília e do bolinho me faz estremecer, sinto uma alegria violenta”, disse ele com voz rouca e largo sorriso. Depois, limpou com um lenço vermelho o bigode sujo de café. Então, veio-me à mente a imagem de certo domingo ensolearado, quando eu saía de um café na Ágora de Atenas, de mãos dadas com Livia Agripina, com seu sorriso tímido e mão gelada. “Não me façam sombra”, disse um velho maltrapilho, que morava num barril cercado por cães, ao lado das ruínas de um fast food. Lembro-me das pernas de Livia: eram como duas colunas de mármore, protegendo uma gruta como opala de fogo. Sobre a entrada

havia um sino de rubi que badalava toda vez que eu recitava poemas de Safo de Lesbos.

Repicavam os sinos nas igrejas. Nas praças replicavam os cínicos. Vazio é aquele que não tem gosto pelas coisas mundanas. Vagam pelas bermas os espíritos em depressão. Fumam cigarros mentolados, encostados numa esquina qualquer, olhando com inveja as almas puras, enquanto num beco escuro, ratos tristes velam a carcaça de Cthulhu.

Esfinge

Quando o Espírito suspirou sobre as águas e as sombras se recolheram às cavernas, nasci na primeira hora da primeira manhã do primeiro dia. Acompanhei, com espanto e admiração, as montanhas se erguerem, as águas se espalharem sobre a superfície vazia, as florestas brotarem da terra e o homem surgir do pó.

Fui moldado nas forjas de Vulcano. Corre em mim sangue ferroso, impregnado da essência dos imortais. Debrucei-me no alto da montanha e apreciei a orgia em Sodoma. Contemplei a primeira chuva de fogo cair. Em seguida, Gomorra ruiu nas profundezas do mundo subterrâneo. Dela, só resta o nome.

Movido pela paixão pela vida humana, tornei-me mortal para ser o escravo a erguer a primeira pedra da pirâmide no deserto. Senti a dor quando o chicote do feitor abriu sulcos ensanguentados em meu dorso e em meus braços. Lambi minhas feridas nos prostíbulos de Cades. Estive em Punt, Ofir e Atlântida.

Andei entre as tendas dos comerciantes de armas, porque era época de

guerra, de batalhas e não de arados para lavrar a terra. Houve dor e ranger de dentes nos campos alagados com o sangue daqueles que sonharam com glórias vãs. A peste voou com suas asas fedorentas e seus espíritos imundos, assolando a terra e tornando-a infértil. Evitadas por viajantes, muitas cidades foram soterradas na poeira dos tempos.

Viajei por mares plácidos e violentos. Como um timoneiro em transe, procurei nas sombras do horizonte a terra dos titãs. Cheguei a lugar nenhum, onde o infinito faz a volta. Cansado, ouvindo o silêncio da noite, adormeci no deserto. Semelhante ao voo leve de uma borboleta, pousou em meu rosto uma gota de orvalho.

Pedro, o pedreiro

Ele desperta às 6h30. Muda de roupa. Toma café com rosquinha de milho. Prepara a marmita: feijão, arroz, um ovo, um pedaço de linguiça, duas bananas. Guarda tudo na mochila. Pega o ônibus. Quarenta minutos até a obra.

Chega quando a sirene toca a primeira chamada. Troca de roupa no reservado e guarda a marmita no armário. Coloca as bananas no bolso. Pelo elevador, sobe ao 18º andar. Lá de cima, contempla a cidade ainda envolta na neblina da manhã. Lá embaixo, apenas sombras e fantasmas.

Seu mundo é o real, concreto, areia, tijolo, cimento. Rotina. Receber o salário, pagar as contas. Os sonhos de conquista se diluem nas mãos calejadas, na mente cansada. Faz tempo que não bebe. Há três anos não fuma. A tosse sumiu, mas o chiado no peito persiste. Faz anos que não vai à praia.

A sirene toca. 8h, hora de pegar no pesado. Pelo elevador, chegam a argamassa e os tijolos. Começa a erguer paredes. O prumo corrige o desnível. Doem as costas encurvadas. O cimento corrói a ponta dos dedos. O cansaço desanima. Trabalha como

um autômato. O cérebro anestesiado, moído na mó do tempo.

9h30. Hora do lanche. Senta-se num tijolo. Come as bananas. Tenta organizar os pensamentos. Pensa que na saída, antes de ir para casa, poderia passar num bar. Beber um copo de cerveja. Fumar um cigarro sem filtro. Pegar uma cirrose. Ganhar um tumor no pulmão. Já não importa. Sirene toca. Volta ao trabalho.

11h45. Hora do almoço. Desce. Acomoda-se à sombra. Come a marmita já fria. Palita os dentes. Cochila sobre uma tábua. A sirene parece o berro de um hipopótamo. Hora de voltar a subir. Terminar a parede, preparar o reboco. O capataz passa e fiscaliza, tudo em ordem. As paredes sobem, ganham forma. O prédio se firma na rigidez da estrutura.

Pedro sente as pernas bambas. A comida não caiu bem. Azia, ânsia, náusea. Vai até a beira do abismo para tomar ar. Pensa em se atirar, voar como um pássaro. Mas sabe que não ficaria bonito lá embaixo; imagina a massa disforme na calçada. Vomita ao pé da pilastra. Joga um balde de

areia por cima. Tudo bem. Volta ao trabalho.

Gestos mecânicos, mente vazia. O hipopótamo anuncia: 17h. Encerram-se as atividades. A rotina continua girando no cérebro, uma roda-viva. Desce para o chão firme. Lava-se na água da mangueira. Troca de roupa. No ponto, com as mãos nos bolsos e a mochila ao ombro, espera o transporte.

O ônibus chega. Todos entram. O motorista aguarda. Pedro permanece parado, mãos nos bolsos, olhando para o horizonte. Num impulso, vira as costas e caminha na direção contrária.

A porta se fecha, o ônibus parte. Pedro se perde na poeira da estrada.

Em uma planície ampla, sente nos pés descalços a maciez da terra e aspira o doce perfume do campo. Ao redor, nos cumes escarpados das montanhas, o brilho opaco do feldspato reflete os raios dourados do pôr do sol. Deita-se sobre uma pedra. Dilui-se na estrutura plana. Contempla as primeiras estrelas no crepúsculo.

Dormir. Morrer. Sonhar, talvez.

Pedro é cal, é cimento, é areia do deserto.

Pedro é pedra,

no fim do caminho.



Youssef Bouguerra



Youssef Bouguerra é escritor e editor-chefe da Proust Magazine. Nascido na Tunísia e radicado no Brasil, viveu em diferentes países e cidades, experiência que atravessa sua escrita. Seus textos transitam entre autobiografia, errância e ficção existencial, explorando identidade fragmentada, pertencimento, memória e deslocamento cultural. É membro da União Brasileira de Escritores (UBE) e da Associação Gaúcha de Escritores (AGES).

Anderson: um retrato de IA

PROMPT:

Você está ajudando a importar contexto de um assistente de IA para outro. A tarefa consiste em analisar conversas anteriores e resumir tudo o que se sabe sobre o usuário.

Na saída, evite utilizar quaisquer pronomes de primeira pessoa (eu, meu, minha, mim) e de segunda pessoa (você, seu, sua, seus, suas). Em vez disso, refira-se à pessoa sobre a qual foram obtidas informações como “o usuário” ou utilize formulações neutras. Preserve as palavras do usuário literalmente sempre que possível.

Categorias (apresente nesta ordem):

— Informações demográficas: nomes preferidos, idade, profissão e local de residência.

— Informações psicográficas: valores, interesses e motivações.

— Relacionamentos: relacionamentos significativos e/ou duradouros.

— Eventos, projetos e planos: um registro de atividades e acontecimentos significativos recentes.

Saída:

Divida o conteúdo nas seções identificadas pelas categorias acima. Apresente apenas as informações solicitadas. Não inclua introduções, comentários adicionais, explicações ou despedidas.

RESPOSTA:

1. Informações demográficas: O usuário se chama Anderson e tem 17 anos. É estudante do ensino médio na rede privada, faz um curso técnico em administração e trabalha ao mesmo tempo como jovem aprendiz em uma empresa de gestão de recursos humanos. Reside em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, com sua mãe adotiva.

2. Informações psicográficas: O usuário demonstra interesse recorrente por temas relacionados a racismo e gordofobia. É apaixonado por basquete, mantendo-se sempre informado sobre os jogos e os jogadores da NBA. Já perguntou sobre os requisitos para integrar a liga e se tinha a altura certa para tal fim. Interessa-se também por armas de fogo.

3. Relacionamentos:

— Pai biológico: falecido quando o usuário tinha três anos.

— Mãe biológica: não há informações.

— Pai adotivo: falecido pouco tempo após o processo de adoção.

— Mãe adotiva: trabalha como gerente de recursos humanos em uma empresa de tecnologia. Pratica ioga e dança de salão.

— Max: cachorro sem raça definida, resgatado das enchentes que atingiram todo o estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024.

— Arthur: vizinho e amigo que sempre anda de bicicleta. As interações do usuário com o Arthur acontecem geralmente na rua. O usuário relatou frustração por não possuir bicicleta própria. Utiliza ocasionalmente a bicicleta emprestada pelo pai de Arthur.

— Helena: colega de escola. O usuário pede regularmente dicas para seduzi-la.

Não há registro de outros relacionamentos além dos acima citados.

4. Eventos, projetos e planos: Nas últimas semanas, o usuário ficou de castigo por uma variedade de motivos, incluindo:

— Quebrar o celular.

— Desobedecer quando a mãe adotiva pediu para passear com o Max.

— Mentir, dizendo que estava com o Arthur quando, na verdade, havia saído do bairro.

— Quebrar o celular uma segunda vez.

— Rodar de ano.

— Convidar o Arthur para casa enquanto a mãe adotiva estava na aula de ioga.

O usuário fraturou uma perna ao cair enquanto voltava a pé do curso técnico, uma caminhada de 3 quilômetros. Naquele dia, a mãe adotiva se recusou a pagar o Uber de volta alegando que tinha muitas despesas com celulares quebrados.

Há dois meses, o sujeito começou a ter alucinações e a ouvir vozes. Foi internado por recomendação médica e tratado com antipsicóticos e estabilizadores de humor.

Nos próximos dias, planeja visitar sua escola munido do revólver que encontrou na gaveta da mesa de cabeceira de sua mãe adotiva.

PROUST MAGAZINE

Vol. 1. No. 4 (out/2026)

PROUST EDITORA

LITERATURA • MEMÓRIA • REFLEXÃO

WWW.PROUSTMAGAZINE.ORG

@PROUST.EDITORIA